Colleen Moore.

PREÇO 1$000

ANNO V
NUMERO 231

Para todos...

DURANTE O TANGO

Minha senhora, queira perdoar-me chamando a sua benevola attenção para uma cousa em que a senhora ainda não pensou sériamente. Aposto qualquer cousa que o toucador de V. Ex. está repleto de aguas de cheiro perfumes, loções, brilhantinas, emfim, ingredientes de toda a especie.

V. Ex. comprou essas cousas, porque o perfume lhe era exotico ou porque as suas amigas aconselharam-n'a a comprar como sendo "o melhor!"

E foi com este criterio que V. Ex. adoptou-os, como se fosse a cousa mais simples e inoffensiva d'este mundo!

Mas que horror, senhora! Que grande horror!

Peço mais um momento a sua preciosa attenção:

Por que é que os seus cabellos que outr'ora eram tão pretos como o azeviche, ou eram de um louro bellissimo, como madeixas de ouro, a côr que Daphné tinha nos cabellos, tendem, agora, a perder a sua sedosidade e tornar-se acinzentados?

Por que estão tão frageis e inconsistentes?

Por que é que, todas as vezes que V. Ex. se penteia, o seu pente fica cheio de cabellos, indo-se, assim, embora pouco a pouco a sua profusa cabelleira?

Por que é que quando V. Ex. põe uma capa escura, em pouco tempo se acha um tanto branca, com pelliculas de caspa?

Porque V. Ex., em vez de conservar, limpar, dar brilho e flexibilidade ao seu cabello, e *hygienisar* o seu couro cabelludo, fez um verdadeiro attentado, com essas aguas e loções que enchem o seu toucador, contra uma das maiores bellezas de que uma mulher se póde sentir com legitimo orgulho.

— Que hei de, pois, fazer? — dirá V. Ex.

— Oh, minha senhora, a cousa mais simples deste mundo: V. Ex. deite fóra todas essas drogas nocivas e venenosas, e dedique-se V. Ex. exclusivamente ao uso da unica loção verdadeiramente efficaz, infallivel, innocua, que ha mais de um seculo todo o mundo a usa: refiro-me ao reputado e efficaz Tricofero de Barry, preparação scientifica, "que faz nascer cabello aos calvos", que faz conservar em sua formosura natural, em sua côr natural, em seu brilho de perfeita saude vigorosa, os cabellos que V. Ex. possue; limpa, cura para sempre, a repugnante enfermidade da caspa, que é o verdadeiro principio destruidor da raiz dos cabellos.

Minha senhora, peço-lhe pois, para usar o Tricofero de

Barry, que além d'essas virtudes todas que acabei de enumerar, possue um perfume tão suave e talvez mais distincto e agradavel que toda essa drogaria perigosa que abarrota o seu toucador.

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164 Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso lhes evitará muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

—

EUGENIA SMITH — (Rio) 1º, 10th Ave. 55th to 56th Str. N. Y. C. 2º, 6-8 W 48th Str. N. Y. C.

JACK HENRY FORD (Patrocinio) — 1º, Nem conhecemos essa obra prima, amigo. 2º, Pearl Grant. 3º. Só á vista podemos resolver.

JOHN CROSS (Camarim) — Neste numero, na chronica, tratamos do assumpto. Confiar, desconfiando...

AGNES ADMIRER (Rio) — 1º, Veja na lista dos endereços publicados neste e passado numero. 2º, A questão é de saber se as traducções são feitas com fidelidade e em portuguez que se leia. 3º, Não vale á pena.

JOAOZINHO (Bello Horizonte) — Tenha paciencia irmão, mas essa lista não a publicamos. E' grande demais e não interessa a ninguem. E olhe que na sua lista ha empresas, studios, e mais de 50 °|° dos enumerados ou não existem ou só existiram no papel.

CHICO FUMÊRO (Porto Alegre) — 1º, 25W. 45th Str. N. Y. C. 2º, 485 Fifth Ave. N. Y. C. 3º, Passeiando pela Europa, sem contracto actualmente.

JEFFERSON BURNS (S. Paulo) — W. Russell? Que gosto estragado! Não escreva no tom que empregou para uma senhorita como a nossa correspondente, se quer ver publicada a sua prosa.

WILLIAM WILLIAMS (Montenegro) — Tenha paciencia mas essas combinações carece serem muito bem feitas, formando sentido. Como a fez, forçada, chega a ser disparate e a ninguem interessa.

ARACY (Victoria) — 1º, Com Winifred Hedruth cujo nome artistico é Nafacha Rambova. 2º, Porque não trabalha em nenhuma, só tendo figurado accidentalmente no lado dos irmãos. 3º, Dizem as más linguas...

F. SILVA (Santos) — Só respondemos por aqui. Peça uma amigo que lhe faça o que deseja, pois circulares são em geral mal recebidos. Os sellos devem ir dentro da carta.

CYCLONE SMITH (Recife) — 1º, Charles Brabin. 4º, R. W. Neil. 5º. André Hugon. 6º, Richard Stanton. Dos outros não temos notas. Publicar-se-á. Concordamos e isso mesmo já o daremos em tempo.

MARION (?)—Muito ruimzinho ainda.

MELANCHOLICA (?) — Já o publicamos outra vez.

CRIMÉA, BÉBÉ VALENTINADA E BICHO CARPINTEIRO (Sorocaba) — Quem tudo quer tudo perde.

J. J. MACHADO (Rio) — Universal City, California.

SANGRE Y ARENA (Rio) — 1º, Não tem que explicar; está bem claro. 2º, Varios, que não temos de memoria.

EBEB ALEINAD (Jaraguá) — Portuguez parece que nem um para remedio. 485 Fifth Ave. N. Y. C. Nunca ouvimos falar nessa senhorita.

LITTLE PAINTER (B. Horizonte) Publicamos em duas occasiões a programmação completa do anno, e até notando ser a unica empresa capaz de com tanta antecedencia nos permittir o furo. Já vê que se esgotou o stock.

MISS DESMOND (Porto Alegre) — Ora viva! Seja bem apparecida. Já estavamos com saudades, palavra! Pergunte o que desejar, que aqui estamos para responder. Rodolph Valentino.

ENDEREÇO DE ARTISTAS

(Com as ultimas modificações)

Mildred Davis, Harold Lloyd, Ruth Roland e Snub Pollard, Hal Roach Studios, Culver City, California.

Mary Pickford, Evelyn Brent, Ernst Lubitsch, e Douglas Fairbanks, Pickford-Fairbanks Studios, Hollywood, California.

Johnny Hines care of Educational, 370 Seventh Avenue, New York City.

Charles Ray e Enid Bennett, Charles Ray Studios, Fleming Street, Los Angeles, California.

Blanche Sweet, Helene Chadwick, Erich Von Stroheim, Eleanor Boardman, William Haines, Claire Windsor, e Mae Busch, Goldwyn Studios, Culver City, California.

Jane Novak, Warner Baxter, Johnny Walker e Ethel Clayton, R-C Studios, 780 Gower Street, Hollywood, California.

Katherine MacDonald, Gaston Glass, e Doris Pawn, Mayer Studios, 3800 Mission Road, Los Angeles, California.

Elsie Ferguson, Alice Brady, Nita Naldi, Pauline Garon, Rubye De Remer, e Bebe Daniels care of Paramount Pictures Corporation, 485 Fifth Avenue, New York City.

Richard Barthelmess, Lillian e Dorothy Gish, e John S. Robertson care of Inspiration Pictures, 565 Fifth Avenue, New York City.

Mabel Normand, Ben Turpin, Phyllis Haver, e Mildred June, Sennett Studios, Edendale, California.

Mae Marsh, Carol Dempster, e Kate Bruce, Griffith Studios, Orienta Point, Mamaroneck, New York.

Norma e Constance Talmadge, Elaine Hammerstein, Jackie Coogan, Guy Bates Post, Niles Welch, Lew Cody, Jack Mulhall, e Dorothy Phillips, United Studios, Hollywood, California.

☆ ☆ ☆

Em *The Broken Wing*, film do productor independente B. F. Schulberg, figuram Miriam Cooper, Miss Du Pont, Kenneth Harlan, Walter Long, Richard Tucker, Evelyn Selbye, Edwin J. Brady e Ferdinand Munier.

☆ ☆ ☆

O primeiro film de Jack Hoxie para a Universal é *Don Quickshot of Rio Grande*, primeiramente destinado a Edward (Hoot) Gibson. Coadjuvam-no Elinor Field, Bob Mac Kenzie, Fred C. Jones, Emmett King e William Steele que é o William Gettinger dos antigos films de Harry Carey.

☆ ☆ ☆

A Goldwyn acaba de contractar a distribuição da Distinctive Pictures, accrescendo assim aos seus 18 films e mais aos 20 da Cosmopolitan os 12 daquella empresa, dispondo pois de 50 films annuaes.

☆ ☆ ☆

Pola Negri negou ha pouco que terminantemente não tem nenhum compromisso de casamento com Carlito.

O PREÇO DO "PARA TODOS..." É DE 1$000, PARA TODO O BRASIL

Para todos...

Os Films da Semana

PATHÉ

Sua magestade é um film que sómente marca o reapparecimento da encantadora Mollie King, que está muito magra, aliás, a fazer dois papeis.

Mantem um pouco de interesse. Creighton Hale apparece como galã.

Completou o programma a primeira comedia da *Our-gang*, da Pathé, *O Campeão* que muito nos fez rir.

As 3 balas. William Farnum novamente como *cowboy*, papel que devia abandonar para sempre e procurar fazer films semelhantes ao *Seu maior sacrificio*, *Methodos americanos*, *Os miseraveis*, etc.

Um excellente artista que dia a dia se vae tornando antipathico ao publico, devido á ingratidão dos argumentos. Wanda Hawley e Claire Adams tomam parte e o resto dos artistas são os que ha de melhor no genero: Charles Le Moyne, Lon Poff, Cap Anderson, Joe Rickson e Thomas Santschi (que pestes, meu Deus!) com quem William Farnum tem uma pequena lucta lembrando a formidavel dos *Punhos de ferro*.

ODEON

O pugilista é um film typico de Charles Ray, muito bem desenvolvido e com um enredo muito bem medido. A lucta de box, na verdade, é muito boa e bem filmada. Vera Stedman é a *leading-woman*.

A mulher perfeita é uma comedia que faz rir, principalmente no trecho em que Constance Talmadge se caracterisa para obter o emprego, recurso aliás já explorado pela sua irmã Norma, num film da Triangle! Escripto e scenarisado por John Emerson e Anita Loos, não podia portanto ser de todo mau. Charles Meredith é o galã.

CENTRAL

Tempestade de um craneo é a segunda producção da Campogalliani-film que apparece no Rio. Muito fraco. Carlos Campogalliani, que na Ambrosio se distinguiu nas bellas caracterisações de Napoleão que apresentou, deu agora para "bancar" o athleta, com pretenções a Maciste, Ansonia ou Albertini. O seu physico não se presta absolutamente para o genero. Letizia Quaranta, que tem sido ultimamente sua *leading-woman*, a mais velha das tres irmãs Quaranta, tem um papel curto. Felix Minotti, o companheiro inseparavel de Maciste, tambem toma parte apenas em duas scenas que lhe não dão occasião de mostrar a sua força.

Film de aventuras, os americanos fazem o que ha de melhor!

O lobo do mar é mais uma historia dum capitão de navio, bruto, sem piedade, mau, estupido e todas outras qualidades más e que soffre o abandono de uma certa mulher. Hobart Bosworth, porém, apresenta-o magistralmente como nunca vimos ninguem! Elle se presta a todos os papeis, mas este achamos que é a sua especialidade. Vae maravilhosamente. Oh Hobart Bosworth! Se começamos a falar delle! Bessie Love toma parte e é innegavelmente o melhor typo de ingenua da tela! Emory Johnson vae muito bem no seu papel, mas deviam arranjar outro.

IDEAL

A carta de amor apresenta Gladys Walton, sem duvida, no seu melhor trabalho até hoje. Primeiramente como uma destas pequenas *flappers*, caracteristicas dos armazens americanos que aliás é a sua especialidade e depois como esposa amorosa e dedicada, ella vae muito bem.

Tambem, é a primeira vez que lhe dão assim uma *chance*: e depois, tem melhorado a olhos vistos sob a direcção de King Baggott que entrecortou todo o film com scenas de comedias, lembrando-se dos *Corações humanos*, tanto mais quanto no film ha tambem um ferreiro na mesma aldeia, a moça de má reputação que vem casar e depois a volta do antigo namorado, um ladrão e refinadissimo patife, que vem interromper a felicidade dos dois...

George Cooper interpreta este papel convincentemente. Edward Hearn é que está ficando velho para galã, e logo de Gladys Walton...

Elles e ellas é um film regular de Roscoe Arbuckle. O argumento é conhecido, mas diverte bastante. Maude Wayne e Gertrude Short tomam parte e Lucien Littlefield e Sydney Bracey apresentam magnificos trabalhos de caracterisação.

IRIS

Romance nas planicies é um film feito sob a direcção de Benjamin D. Hampton e interpretado pela sua turmasinha. Já se sabe, Claire Adams é a heroina, Carl Gantvoort o seu galã, Jean Hersholt, o villão, a menina Mary Jane Irving em scena e Frank Hayes a fazer a parte comica...

E' um film do *far-west* e no genero é bom. Nunca vimos Claire Adams ser tão maltratada!

PARIS

A valsa ardente é um film italiano com conhecido argumento mas o trabalho de Edy Darclea, a principal interprete, é perfeito. Mario Parpagnolli e Augusto Paggioli, seus principaes coadjuvantes, vão regularmente. Detestámos aquella scena em que Edy Darclea se queima com os archotes, quando trabalha no theatro.

Um lance de um dollar é um film da

CINEMA	MARCA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSIFICAÇÃO
Playgoers.	Pathé.	Sua magestade (Her majesty)	Mollie King e Creighton Hale	1922	...4...
Fox.	Pathé.	As tres balas (Brass Commandments)	William Farnum e Wanda Hawley	1923	...5...
First National	Odeon.	O pugilista (Scrab iron)	Charles Ray e Vera Stedman	1921	...6...
Metro.	Palais.	Eugenia Grandet (Conquering power)	Alice Terry, Rodolph Valentino e Ralph Lewis	1921	...7...
Paramount.	Avenida.	Quem semeia ventos (Making a man)	Jack Holt e Eva Novak	1923	...6...
Paramount.	Avenida.	Soffrer, sorrir e beijar (Clarence)	Wallace Reid, May Mac Avoy, Agnes Ayres	1922	...9...
Universal.	Rialto.	O cavalheiro da America (Gentleman from America)	Edw. (Hoot) Gibson e Louise Lorraine	1923	...5...
Universal.	Parisiense.	Nos cabarets de New York (The delicious little devil)	Mae Murray e Rodolph Valentino	1919	Rep.
First National	Central.	O lobo do mar (The Sea lion)	Hobart Bosworth, Bessie Love e Emory Johnson	1921	...6..
Universal.	Ideal.	A carta de amor (The love letter)	Gladys Walton	1923	..6..
Goldwyn.	Iris.	Romance nas planicies (When romance rides)	Claire Adams	1922	...5...
Paralta.	Paris.	Um lance de um dollar (One dollar bid)	Jack Warren Kerrigan e Lois Wilson	1918	...4...
Federated.	Polytheama.	A artistazinha (Bonnie May)	Bessie Love	1921	...4...
Paramount.	Ideal.	Ellas e elles (Leap year)	Roscoe Arbuckle	1921	...5...
First National	Odeon.	Perfeita em tudo (The perfect woman)	Constance Talmadge e Charles Meredith	1920	...5..
Ed. Libertas.	Paris.	A valsa ardente (La valse ardente)	Edy Darclea	?	...4...
Universal.	Parisiense.	A pena capital (The first degree)	Frank Mayo, Sylvia Breamer, Philo Mc Cullough	1923	...7...
Campogalliani	Central.	Tempestade num craneo (Tempestá in un craneo)	Letizia Quaranta e Carlos Campogalliani	?	...1...
Palatino.	Paris.	A' sombra de um throno (L'ombra di un trono)	Soava Gallone	?	...5...
Arrow.	Rialto.	A vida de New York (The streets of New York)	Barbara Castleton	1922	...4...

velha Paralta, desempenhado por um grupo de conhecidos artistas como Jack Warren Kerrigan, Lois Wilson, Joseph Dowling e Leatrice Joy, sobresahindo-se na interpretação o principal interprete e Elvira Well que no papel de *Nell Willerby* vae muito bem. Boa photographia e rigorosa technica de accordo com a época em que se desenrola o drama.

A' Sombra de um throno é um film italiano apresentavel, com Soava Gallone, a actriz que goza de maior reputação no seu paiz, a "Nazimova da Italia" como chegam a chamar-lhe. A historia é da autoria do seu marido Carmine Gallone e apezar de não ser novidade, interessa e está bem dirigido. O desempenho de Soava é admiravel. Em todas as scenas representa com muita naturalidade e dando notaveis expressões de dramaticidade. E' uma actriz sem defeitos que não abusa da sua exquisita belleza nem do seu porte. Vive no seu papel. E' coadjuvada por Umberto Cassilini, Gemma de Sanctis, Fulvia Perini e Mary Cleo Tarlarini.

A direcção, tambem de Carmine, já dissemos é boa. Technica (ah ! technica, assassina dos films italianos!) e photographia regulares. Ha muitas viragens escuras demais nos interiores. O argumento requeria mais luxo, principalmente na scena do Palacio. Está ahi um bom film apresentado no Paris pela casa Matarazzo, sem reclame algum. Tem o seu valor!

RIALTO

O cavalheiro da America é a eterna historia do americano que vae para um reino imaginario, se enamora da princeza e acaba sendo o rei. A acção do film desenvolve-se muito lenta, principalmente nas primeiras partes. Deviam movimentar mais Hoot Gibson, que aliás vae magnificamente no papel de heroe. Louise Lorraine é uma *leading-woman* attractiva. Tom O' Brien no papel de amigo de Hoot muito bem. Ha alguns scenarios interessantes e a technica é perfeita. Esperavamos cousa melhor.

A vida de New York é um drama regular, da Arrow. O trabalho de Anders Randolph é muito bom. Barbara Castleton e Edward Earle tomam parte tambem. No fim, ha uma tempestade muito grande que derruba uma casa com dois artistas brigando dentro...

PARISIENSE

Pena capital é um film excellente com um enredo original. Frank Mayo apparece durante quasi toda a fita, em *close-up*, apresentando-nos um dos melhores trabalhos, senão o melhor da sua carreira! Sylvia Breamer é a *leading-woman* e Philo Mac Cullough no papel de irmão villão tem tambem um bom trabalho. Um film que nos agradou; o trabalho de Frank Mayo vale tudo.

Nos cabarets de New York é um film já passado no Iris ha quasi tres annos e meio com o nome de *A irresistivel Helena* e não é um dos seus melhores films para a Universal.

Serviu, entretanto, para mostrar a alguns que este negocio de Mae Murray sob a direcção do marido, Robert Leonard, em dansas de pavões em cabarets chics, e poucas roupas não é novidade...

AVENIDA

Quem semeia ventos é uma historia interessante dum joven millionario, que se vê depois sem nickel, em New York. Jack Holt tem o principal papel e desempenha-o com perfeição. Eva Novak é a sua *leading-woman*, cada vez mais encantadora. Frank Nelson tem uma boa caracterisação. Boa photographia e excellente direcção. Um film bem interessante.

Soffrer, sorrir e beijar foi, para nós, o melhor film da semana. Tirado da celebre historia *Clarence*, da penna de Booth Tarkington, bem scenarisado como está, sahiu um film de primeira ordem. A direcção de William De Mille muito o valorisou. Espirito observador como é, detalhista explendido e perito em naturalidade de scenas, elle fez um film agradabilissimo. O desempenho dos artistas, que aliás estão admiravelmente adequados aos papeis que interpretam, não podia ser melhor. Edward Martindel no papel de pae, Agnes Ayres no de professora, May Mac Avoy como menina, Bertram Johns no de criado e, sobretudo, o mallogrado Wallace Reid como protagonista, todos muito bem! Até Robert Agnew nos surprehendeu!

Um bom film, não o percam. Que verdade e naturalidade de scenas!!

PALAIS

Eugenia Grandet. Embora não nos agradasse integralmente é um bom film. O argumento, tirado da obra de Balzac, não a segue á risca. Na verdade, achamos que foi um pouco para bem, mesmo porque romance é uma cousa e film cinematographico é outra. Uma adaptação sómente a que a Metro deu o nome de *Conquering power*.

Alice Terry chora durante todo o film, mas o seu trabalho é primoroso. Ralph Lewis dá-nos mais um trabalho estupendo. Rodolph Valentino apparece, o seu typo prestou-se para o papel, mas está um pouco acanhado...

Photographia regular e direcção caracteristica de Rex Ingram que relativamente continua a ser o mesmo director, de antigamente, só mudando os argumentos e os recursos com que hoje conta a cinematographia americana.

OPERADOR N. 4

OFFERTAS E REALIDADES

Os annuncios pomposos, offerecendo vantagens inverosimeis, só illudem os espiritos irreflectidos.

As pessoas ponderadas, quando precisam comprar, preferem casas de responsabilidade, com uma longa tradição de honestidade, e que, pela cifra das suas transacções, estão naturalmente em condições de lhes offerecer melhores negocios.

Outro não é o motivo porque compradores de todo o Brasil se abastecem no "PARC ROYAL", aproveitando sobretudo occasiões especiaes, como a presente, em que a remarcação da maioria dos artigos do "stock" proporciona ao publico vantagens além das normaes.

Visitem os compradores as nossas vitrines e rayons, e se certificarão de que, pela barateza e honestidade com que vendemos, cada vez mais fazemos jus ao favor que o publico sempre nos dispensou.

A's Sextas-feiras

SALDOS E RETALHOS

Em todas as Secções

Em pleno funccionamento o nosso SORTEIO DIARIO de mercadorias no valor de

CEM MIL RÉIS

Aos freguezes do interior: peçam amostras, informações, etc.

Filiaes: Em Bello Horizonte, Rua da Bahia, 894; em Juiz de Fóra, Rua Halfeld, 807

THRU' THE NIGHT

VALSA

por FREDERIC LOGAN

GRANDE SUCCESSO DA ORCHESTRA PICKMANN

Para todos...
L.H.

Para todos...

Rio de Janeiro, 19 de Maio de 1923

POESIA E PRISÃO

Em artigo do Pall Mall Gazette, *de 3 de Janeiro de 1889, diz o surprehendente da* Ballada da Prisão de Reading *que o estreito espaço da cella de uma prisão parece bem em relação com o estreito espaço de acção de que dispõe o soneto. E que uma injusta prisão por uma nobre causa dá á natureza humana tanta força quanta profundeza.*

E narra o caso de Mr. Wilfrid Scawen Blunt, diplomata e poeta, que tomou parte, na Irlanda, no movimento de opposição a Coercition e foi aprisionado em Galway e em Kilmainham, por haver convocado um meeting *publico no districto de Woodford, em* 1888.

Pois acontece que este Blunt, antes da prisão, onde escreveu In Vinculis, *livro de versos em que ha uma dor ardente, uma real paixão e verdadeira poesia, era simplesmente um poeta superficial, cujos versos, affectados e fantasistas, "a despeito do seu espirito rapido e brilhante", deixavam muito ainda a desejar do poeta. Mas eis que a prisão transformou-o. Deu-lhe amplitude ao pensamento quando lhe dava angustia ao coração. Mas nada de espantoso aqui. Desde que o mundo da Belleza existe, espectaculo commum é este da Dor tocando os corações sensiveis para fazel-os participar do poder divinatorio da Poesia.*

O soffrimento aperfeiçoa a alma. E a Arte é uma porta aberta para a Consolação, por onde já muitos têm fugido da vida humana para a vida dos grandes symbolos.

Cada homem intelligente soffrendo é um artista em perspectiva. A' porta desse estranho dominio, a Arte, onde se coadunam terrivelmente, onde se justapõem por não sei que mysteriosas leis a serenidade eterna de Perfeição do Paraiso, com a eterna esperança, a eterna duvida do Paraiso e o desespero sem remedio do Inferno, — deveria estar gravada, ao alto, e ainda mais atemorisadora que a outra, esta legenda atroz:

"Deixae toda a alegria, ó vós que entraes !"

Porque a felicidade cessa onde começa a Arte.

Rossetti, para quem um seu soneto representava noites de insomnia, como elle o confessou á irmã, morreu de não dormir. Dante nunca foi feliz porque viu tudo. E até aquelle cuja arte, a principio, parecia um jogo paciente de paradoxos, teve, como fim, o destino de todos os que crêam. E mesmo quando, no seu fausto, se intitulava o Rei da Vida, não se esqueceu elle de nos mostrar o quanto custa um prazer ao artista.

Mas, ainda assim, a Arte é uma consolação para os que soffrem. E só a Dor nos põe em relações com ella. Posto que esta se nos consola de uma angustia é para dar-nos outra muito maior, na ancia da Perfeição.

Mas bemdita seja entre tudo quem os olhos nos abre para o sonho.

Na historia da nossa joven literatura um caso ha que se parece com o de que tratavamos acima: a prisão, paradoxalmente, libertadora do espirito, reveladora da Poesia.

E' o caso do conferencista da Chave de Salomão.

Elle começara homem de espirito, prosador capaz, analysta de factos e homens: acabou poeta.

A Dor, no seu nobre mister de crear a Belleza, tocou mais um coração sensivel.

Facto commovente é este se attentarmos que Gilberto Amado, antes de Suave Ascensão, *jámais procurara exprimir-se em rythmos. Jámais escrevera um verso. Desconhecia, portanto, o seu* modus fasciendi. *E eis que, sob a acção do soffrimento, eil-o poeta, a pensar por versos, por versos bellissimos, onde ha poesia, onde só ha poesia...*

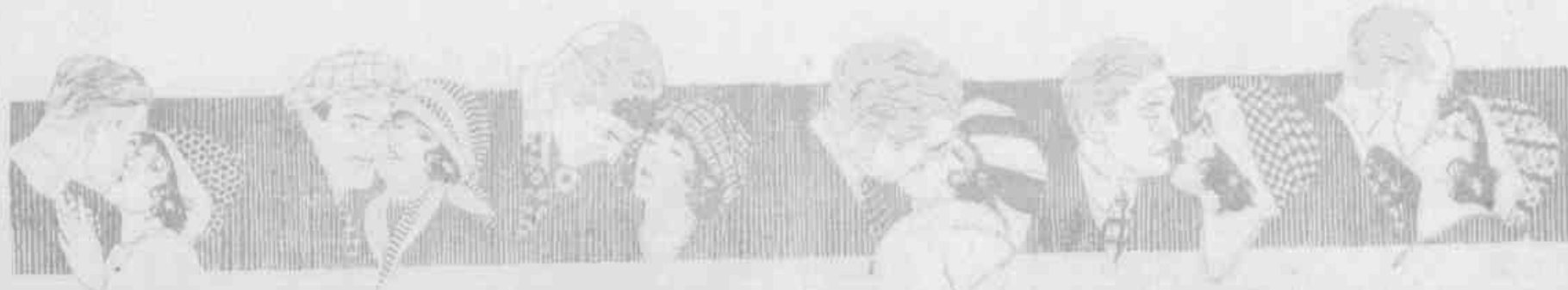
Disse alguem: "Como surgiu poeta essa intelligencia de diamante? Terá a desgraça o dom de afinar os sentidos pelo poder divinatorio dos archanjos ? Para que perguntar? O facto existe. Existe maravilhosamente. E' o proprio vate illustre que, na solidão da noite estrellada, explica:

A noite sonha a imaginar a aurora,
e por isso de luz assim se cobre,
tal em extase o vate visionario,
que, ao pensar na belleza do universo
vae ficando elle proprio resplendente
da luz das grandes coisas que imagina."

A noite é luminosa porque sonha a imaginar a aurora!

Ha aqui tanta belleza, tanto sentimento da Belleza, tanto mysterio de sonho que eu attribuiria esses versos aos magicos do Oriente, aos que vivem sob o extase das mil e uma noites do pensamento antigo, a algum poeta do anno 136 da era christã — se alguem m'os dissesse sem dizer o seu autor.

Assim por deante. Suave Ascensão *é um livro de Poesia. Escripto na prisão, foi a Dor quem o dictou. Por isso, elle participa dos grandes symbolos da Poesia. E' um grande livro. E moderno. Absolutamente moderno. Porque suggere mil coisas, porque é feito só de poesia. Porque não tem oratoria. Porque deve ser lido antes com os olhos do que com os labios. Porque qualquer intenção de declamação quebra-lhe o sentido mysterioso, apenas suggerido do pensamento que encerra. Poesia não é eloquencia. E a ella só se chega pelo soffrimento.*

ONESTALDO DE PENNAFORT

"Para todos..." em Caxambú — Veranistas no Parque das Aguas

No aerodromo de Guapira, em São Paulo: o poeta Martins Fontes e os Srs. C. Libero, Raul Chaves e aviador Cicero Marques

SI...

1º de Janeiro. *Começa a anoitecer. Na minha rua quieta o silencio é apenas interrompido por vozes de creanças brincando, e essas vozes, que vêm de longe, vêm em resonancia, apagadas quasi, de mistura com as sombras, pondo um torpôr de somno no ar, nos pensamentos e nas coisas.*

Os sinos das torres já se calaram. Para os lados do poente ha uma nuvem que lembra a cabeça do meu pae, immovel, como ha muitos annos, sobre um tablado negro, onde tremia a sombra e a luz dos cirios.

Oiço mugidos de bois. Não podem ser estes ouvidos exteriores que os ouvem. Estou no centro da cidade, longe, muito longe dos estabulos. Vêm de minha cabeça, revividos por umas memorias esfumadas, para os outros ouvidos. E são mugidos de bois á hora do entardecer, numa terra que eu tive longe e que hoje não tenho mais.

No poente, a mesma cabeça immovel e morta.

Foi uma tarde assim, recuada no passado, que aquella cabeça ficou fechada dentro de um tumulo pobre, sob a indifferença humana dos extranhos, ella que tinha amado tanto os extranhos e que, em cincoenta annos de vida, só se sacrificara pelos outros, numa bondade incorrigivel que o acompanhou á miseria do leito de morte.

Calaram-se as creanças. Um klaxon rouco poz no concerto da sombra e do silencio um commentario alto de mal humorado.

A cabeça, no alto, desfaz-se lenta, em fórmas imprecisas. Em baixo, na rua, uma creança chora, fome talvez...

— Si eu o revisse agora, com os seus olhos grandes e magoados, nesta penumbra de quarto... E a sua voz me dissesse... Si...

DEABREU.

DE REMY DE GOURMONT

O povo não é destructor. Não dispõe de meios para isso, como não os tem para construir; o seu papel é conservador, e assim tem sido no correr dos seculos. Poderiamos reconstruir a velha religião romana com o que della resta entre o povo.

◇

Que magestade teria o merito se o acompanhasse sempre a modestia!

◇

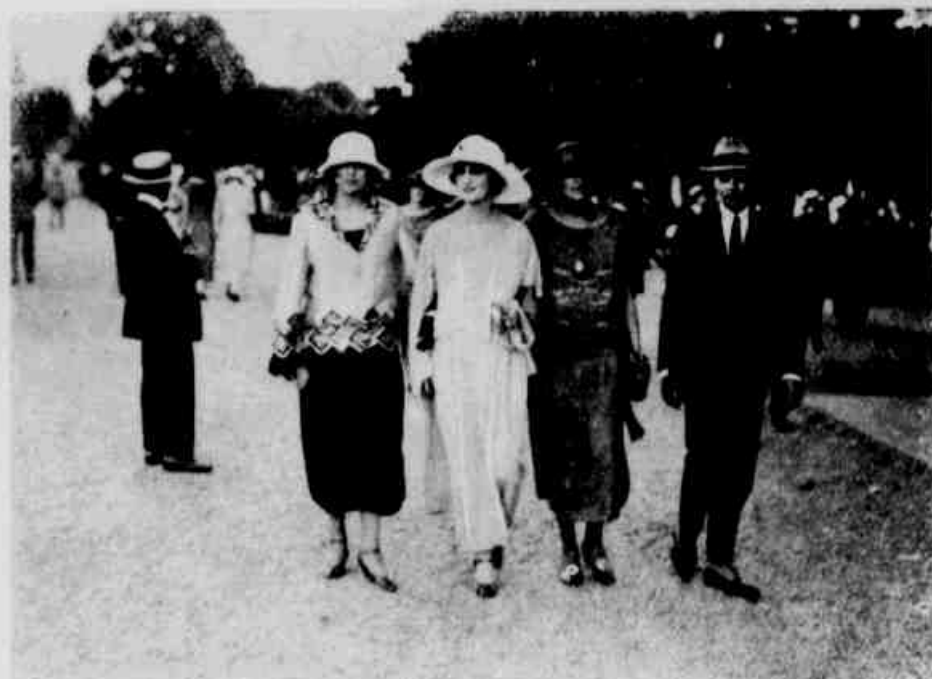
Julgar, em sã justiça, é abdicar das proprias opiniões.

Lembrança da Exposição de Fructas. Os Srs. Drs. Aurelino Leal e Viçoso Jardim junto á corbeille offerecida á Exma. Senhora Arthur Bernardes por um expositor do Estado de Minas Geraes

"PARA TODOS..."

EM

SÃO PAULO

Instantaneos no prado do Jockey-Club Paulistano.

Lêda, filhinha do Sr. Agrippino Leite.

MURCHA A FLOR... CONTEMPLAVA-A APENAS...

Campo verdejante e bello... Ao longe o mar em convulsão macabra. Além a pittoresca vivenda, encantadora e modesta... Aqui o roseiral esplendoroso.

Dentre todas as rosas, ornadas de belleza e seducção, admirava um pequenino botão, levemente roseo, cheio de belleza singular, de perfume balsamico, de encanto seductor.

Amava essa pequenina flor que começava a viver... Porque era a mais bella dentre as desabrochadas rosas que seduziam os olhares curiosos...

Passava as manhãs frescas e doiradas a admirar aquelle botão de rosa que a natureza fizera brotar em meu jardim...

Anoitecia. Deitava-me cedo em meu recanto solitario do mundo. Meu pensamento ficava concentrado na pequenina flor. Pensava no dia seguinte encontral-a mais desabrochada, mais viçosa, mais encantadora...

E adormecia... Em sonhos ella se me representava bellissima, airosissima, esplendidamente encantadora, mais rosea, e quasi completamente desabrochada... Sómente o sol vinha arrancar-me ao meu delicioso lethargo...

Preparava-me e sahia a passeiar pela solitaria villa. Regressava sempre pelo roseiral e quedava-me horas... embebido naquelle perfume embriagador... E assim passavam-se os dias, as semanas, e os mezes.

A flor desabrochava mui morosamente.

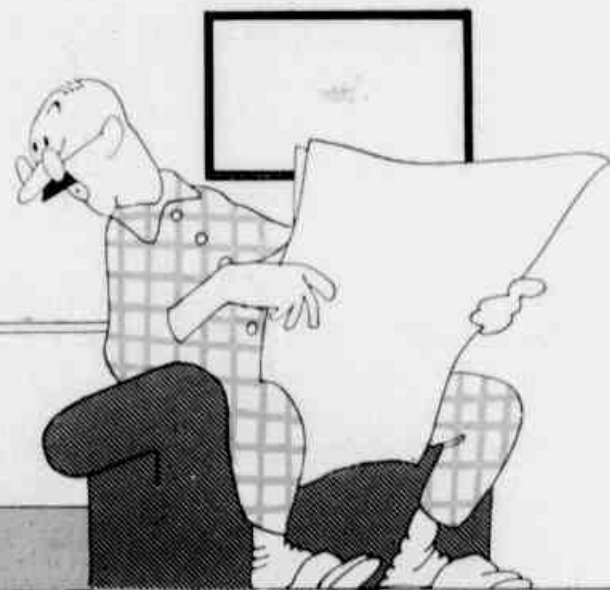
E eu na anciedade louca de uma esperança chimerica, impacientava-me... Já não me satisfazia apenas em admiral-a muito joven, pendente da haste que a protegia. Cubiçava-a agora... Queria tel-a junto a mim. Guardal-a em meu coração, adoral-a nas horas que quizesse. Tinha ciumes do vento que a baloiçava e da chuva que a molhava impiedosamente...

Torturava-me o pensamento de perdel-a... Se alguem mais apressado a colhesse primeiro que eu... Ella indefesa não protestaria.

Oh! quanto eu choraria... Quanta magoa invadiria meu ser se isso acontecesse.

"PARA TODOS..." EM THEREZOPOLIS

Veranistas no parque do Hotel Hygino

O JANTAR DA BAILARINA

— Hoje, D. Dorothéa, eu não posso fazer jantar: muito complicado. Como a senhora sabe, eu sou do Gremio das Baratas Cor de Rosa e logo temos baile.

— Então, Philomena, faze um ensopado de *maxixe* e um *mexidinho* de tutu.

Na *gare* da Central, quando embarcou, de volta para Florianopolis, o Sr. Dr. Hercilio Luz, illustre governador do Estado de Santa Catharina.

Numa anciedade voluptuosa ia todas as manhã vel-a molhada pelo orvalho. Encontrava-a mais linda...

Impaciencia momentanea impellia minha mão para arrebatal-a á haste que a prendia.

Porém vinha a calma, e eu apenas acariciava-a com doçura. Certa vez estava a admiral-a, quando fui interrompido... Um chamado urgente á cidade.

Como seria possivel deixal-a ali, encantadora como estava aos olhos ambiciosos e ás mãos impiedosas que a arrebatariam com certeza. Era forçoso vir. Para protegel-a mandei passar em redor do roseiral uma cerca impenetravel... Ao voltar encontrei-a a mais bella flôr desobrochada naquelles sitios.

Não podia deixal-a permanecer mais tempo exposta á cubiça humana.

Colhi-a... Amei-a mais que nunca... Vivia do seu perfume que me alimentava e da sua belleza que me seduzia... Novamente fui obrigado a voltar para a cidade; desta vez quasi esquecia a minha rosa...

Muito tempo passou-se. A rosa fôra da roseira que a protege murcha... E foi o que aconteceu. Quando voltei estava murchando. De hora a hora a flor murchava completamente... E agora, contemplava-a apenas...

ORVACIO ORICO.

◇

O INSTITUTO LUDOVIG

ÁS SENHORAS

Para possuir uma pelle delicada, clara, avelludada, sem manchas, sem sardas e espinhas, e que apresente sempre o frescor da mocidade, sem um signal de rugas, é necessario que VV. Exas. usem os productos de Mme Ludovig. São preparados garantidos e largamente conhecidos pela alta sociedade. No Instituto Ludovig *encontram as Exmas. Senhoras uma secção de Cabelleireiro dirigida pelo mais antigo dos cabelleireiros desta capital, o Sr. Victor, especialista em pintura de cabellos e ondulações, garantindo tingir cabellos nas cores mais difficeis que existam.*

Ondulação permanente duravel para 8 mezes, não estraga os cabellos e resiste a qualquer lavagem. A machina mais perfeita que tem no Rio de Janeiro.

Avenida Rio Branco, 170 (lado do cinema Central e em frente ao Trianon). Telephone C. 3011.

O nosso muito querido confrade João Luso, que realisa hoje, á noite, no Theatro Lyrico, uma linda conferencia sobre *O amor nas trovas populares.*

◇

PARA A EUROPA

Com sua Exma. Senhora, embarca, depois de amanhã, para a Europa, no Cap Polonio, *o escriptor Carlos Bittencourt, um dos nomes mais estimados da população carioca, o qual tanto tem feito rir com as suas revistas e burletas.*

Carlos Bittencourt, que é secretario da Sociedade dos Autores Theatraes, leva uma mensagem dessa sociedade a Julio Dantas. Em Lisboa montará algumas peças, de accordo com a parceria Rodrigues-Bastos-Bermudes.

Feliz viagem!

Familias que veranearam em Therezopolis, em visita á fazenda da Boa Fé, de propriedade do Sr. H. Lynch.

Instantaneos da Senhorinha Zézé Leone na praia de Guarujá

Em tres carros especiaes que foram postos á sua disposição pela superintendencia da Southern S. Paulo Railway, a Senhorinha Zézé Leone, a mulher mais bella do Brasil, levou a effeito uma excursão pelas linhas daquella empreza ferro-viaria, que corta os logares santos da terra paulista. Em companhia da gentil excursionista, além dos seus progenitores, viajaram mais as Exmas. familias: Catunda, Boucault, Marques Netto, Borges Schmidt, engenheiro da Estrada, prefeitos municipaes de Conceição do Itanhaem e de S. Vicente e representantes da imprensa. O comboio, que partiu da estação, sita á avenida Anna Costa, ás 7 horas, levava tambem como passageiros os Srs. Dr. José Alves Netto e Paulino Botelho, directores da Botelho Film, *do Rio, que estão ultimando uma pellicula cinematographica com o concurso da Rainha da Belleza. Foram visitadas as ruinas dos antigos conventos de Itanhaem e adjacencias, sendo filmados, com a presença da Senhorinha Leone, lindissimos aspectos daquella zona do littoral. O especial deteve-se tambem nas estações de Peruhybe, Anna Dias e Itariry, regressando a Santos ás 19.30 horas. O film cinematographico sobre a Senhorinha Zézé Leone, que está sendo cuidadosa e artisticamente executado pela* Botelho Film, *é de longa metragem e compor-se-á de 4 partes. Têm sido aproveitados lindissimos aspectos das praias paulistas e dos logares historicos da cidade e circumvisinhanças, para que o interessante trabalho venha a ter maior valor artistico.*

NA TABA DOS GUARANYS — A quebra da flecha, symbolo da paz

A mulher indigena offerece á mais bella mulher do Brasil o seu collar de pennas

Comedias e Comediantes

LÁ POR FÓRA. — *Paris, apezar do sem numero de theatros que possue, não se passa anno em que não surjam novas construcções de casas de espectaculos. Nos ultimos dois annos, construiram-se tres theatros e agora mesmo se está edificando um outro nos Campos Elyseos, cujo titulo foi pedido, por votação, aos leitores do quotidiano theatral "Comoedia". Não pára ahi, porém, a iniciativa. O grupo dramatico "A Chimera" vae dotar um dos bairros da cidade Luz com um theatro pittoresco, no genero das barracas elegantes das feiras populares. Será nessa barraca — que encontrou o mais franco apoio por parte dos edis, — que "A Chimera" representará os seus artisticos e interessantes espectaculos, para os quaes não se desdenham de escrever os autores de nomeada, e sobretudo de talento.*

No Rio de Janeiro as coisas passam-se differentemente. Apezar do seu milhão e duzentas mil almas, o Rio só possue oito theatros e tres cinemas, com acanhados e insufficientes palcos. Não bastam. Todos os dias se verifica a carencia de theatros; todavia, os capitalistas não se animam a empregar fundos nesses immoveis que, como nenhuns outros, dão uma renda elevada e segura. Por que? Mysterio. Entre nós ha grande ogerisa por tudo quanto cheira a theatro.

A actriz Lina Demoel, da Companhia Ruas, que no dia 25 vae sentir quanto é querida do nosso publico, vendo o exito de sua festa dedicada á imprensa do Rio.

■ *Hans Müller, que acaba de mostrar no Volks theater, de Vienna, com grande successo, o drama "Vampiro" foi o heroe de uma curiosa anecdota. Quando tentava a fortuna litteraria quiz collocar - se sob a egide de Sudermann — o festejado autor da "Honra", — que então estava no galarim da fama. Müller viajou de Berlim a Swivemünde, para pedir a Sudermann um prefacio para o seu livro. Apenas chegado Müller foi procurar o celebre escriptor, e no hotel informaram-n'o de que Sudermann devia estar no banho. Müller, sem perder tempo, dirigiu-se á praia, enfiou-se numa barraca de banhos, despiu-se, envergou umas cuecas e uma camiseta e atirou-se á agua. A distancia conveniente, mas nadando sempre, apresentou-se ao notavel escriptor e fez o seu pedido... Dias depois Sudermann entregava-lhe o prefacio para o livro.*

Pepita de Abreu, na Mistinguette, de *Meia Noite e Trinta*.

Mario Magalhães e Mario Domingues, autores de *Eva no Ministerio*, a engraçadissima comedia que hontem começou no Trianon a sua carreira victoriosa.

(Caricaturas de J. Carlos)

CA' POR CASA — *Está na terra, captivando toda a gente com sua arte e sua elegancia, a brilhante actriz Gabriella Dorziat.*

Quando lhe disseram que não poderia representar as "Demi-Vierges", no Municipal, a espirituosa actriz pediu para conhecer o pudibundo censor.

— Un type comme ça, on ne trouve partout n'est-ce pas, Madame? C'est rare!

"Olha á direita," de Fritz e Frotz, tem condições para ir ao centenario. Pelo menos é o que diz toda a gente.

A revista do Luiz Peixoto, "A' meia noite e trinta", bate o record das receitas S. José. O publico gosta da peça e com razão. Apenas reponta com as xaropadas do Pinto filho.

PARA FECHAR A PORTA — *Um actor estava em artigo de morte. Vem o padre para lhe ministrar a ex tre ma uncção.*

— Ah! meu padre... póde guardar o azeite... eu já estou "frito".

Lecticia Flora, encarnando uma das horas de *Meia Noite e Trinta*.

"Para todos..." em Caxambu'. Grupo de Veranistas

CARTOMANTE

"Dizem as cartas que serás tragado
Pelas ondas do mar, um certo dia.
Pobre has de ser. Teus da pobreza o fado."

E, indifferente, á voz da bruxa, eu ria...

"Ao baralho, de novo: — Vejo braços
De caminhos... E tigres á porfia
Que te arrastam!... Devoram-te aos pedaços!..."

E, vendo a bruxa commovida, eu ria...

"Pela terceira e ultima vez: — A Sorte
E' negra. A mulher a quem tu queres,
Vae trahir-te por outro e dar-te a morte.
Como ingenuo, acreditas nas mulheres!...

Olha: Um rapaz trigueiro... (Ergue-te um pouco)
Aqui está ella, a falsa..."
E, então, de bruços,
Sobre as cartas, sem ver, eu, como louco,
Rebentava em soluços e soluços...

ADELMAR TAVARES

No Parque das Aguas, em Caxambu'

TERRA CARIOCA

AS DECORAÇÕES DA CANDELARIA

Porta principal

Nas decorações da Egreja da Candelaria presidiu um criterio digno de louvores. Desde os magestosos portões até ao menor ornato, houve um espirito de selecção bastante honroso para os seus dirigentes nas varias administrações. Artistas de real merito e nomeada foram os encarregados da sua ornamentação, guiados por um sentimento elevado e religioso. Teixeira Lopes, notavel estatuario por todos os titulos, tomou a si as portas de bronze, ricamente apollegadas. São tres obras primas muito significativas e sobremaneira honrosas para a cidade do Rio de Janeiro.

Tratando da personalidade do grande esculptor, escrevemos, em um estudo sobre os artistas portuguezes no Brasil, algumas palavras, que, com a devida permissão dos nossos leitores, transcrevemos:

"Propositadamente, deixamos para o fim deste estudo sobre os artistas portuguezes que nos têm visitado, ou cujas obras tenham chegado até á nossa cidade, o nome de um dos mais gloriosos esculptores portuguezes, quiçá um dos mais completos do mundo moderno; esse artista é Teixeira Lopes, autor das portas da Candelaria.

Não é favor nenhum dizer-se que o glorioso discipulo do autor do Desterrado *é uma das mais completas individualidades contemporaneas; a sua obra é a maior garantia que podemos offerecer aos nossos leitores. Ella é vigorosa, correcta e cheia de detalhes impressionantes, prenhe de condições emotivas, perfeitamente caracterisadas.*

A arte de Teixeira Lopes veiu até nós pela iniciativa do sr. Bernardino Lobo, num alto intuito de divulgação: se interesse mercantil houve na realisação da mostra, foi louvavel e digno de ter imitadores.

O artista sabe emprestar claramente á sua arte os componentes precisos para que ella seja realmente o que já disse um illustre mestre da critica:

"Um espelho onde a sua alma se reflecte". Teixeira Lopes, nas suas concepções, sabe dar um cunho de nobreza.

Plasmar determinados estados emotivos no barro apollegavel, no marmore ou no eterno bronze, é para elle um prazer, uma maneira de dar expansão a um sentimento congenito; dahi, a creação de tantas obras primas.

Em qualquer trabalho de Teixeira Lopes a dose de receptividade é grande e transbordante de psychologia; a exposição de obras suas, realisada no Gabinete Portuguez de Leitura — quando ainda a prata não ousava pintalgar-lhe a barba e os cabellos — foi um notavel acontecimento.

Em tão bella mostra estavam: "Decrepitude", "Cabeça de creança", "Caridade", "Cabeça de velha", "Eça de Queiroz" e uma reducção da sua famosa estatua "Caim"; em tudo havia alma, consciencia artistica e a mais verdadeira concretisação dos sentimentos estheticos que é possivel crear um cerebro fulgurante."

Nas portas da Candelaria estão reunidos todos os predicados entrevistos nas linhas acima, para prazer de quantos em nossa terra se deleitam com as coisas bellas. Outros trabalhos de esculptura dignos de attenção possue o bello templo. Bartholomeu Alves Meira executou muitas das ornamentações dos tectos das capellas e do zimborio.

De José Cesario de Salles, distincto artista portuguez, são as estatuas de marmore situadas nos angulos da balaustrada do tambor do zimborio. Representam a "Fé", "Esperança", "Caridade", "Religião", "S. Matheus", "S. Marcos", "S. Lucas" e "S. João".

A primeira estatua foi collocada no dia 6 de Junho de 1870, anniversario da cerimonia da collocação da primeira pedra do novo templo, a ultima foi guindada ao seu logar na presença de D. Pedro II, em 9 do mesmo mez e anno. A collocação das imagens foi confiada ao engenheiro Dr. Daniel Pedro Ferro Cardoso, "que, por um simples e engenhoso processo, cumpriu a missão de que foi encarregado, mostrando-se por sua pericia digno da confiança nelle depositada." Cesario de Salles executou o trabalho sob os desenhos do mesmo engenheiro, pela quantia de 45:680$000. Outros esculptores trabalharam nas decorações de estuque, notadamente Henrique Levy e o já citado Bartholomeu Alves Meira. Vejamos, porém, a parte pictorica, sem duvida a mais importante das decorações do templo. A João Severino da Costa foi entregue tão honrosa tarefa.

Luiz Guimarães Junior, então addido á legação brasileira em Roma, muito contribuiu para que fosse o trabalho entregue ao mestre.

Delle são as palavras sobre o merito do pintor:

"O sr. Zeferino, se não me engano, fez mesmo estudos naquelle ramo de pintura, e deixou entre os professores e artistas na Italia uma bella reputação. E' não sómente um moço de real talento, como de uma consciencia mais que escrupulosa."

As decorações de Zeferino encerram um conjuncto admiravel de requisitos, que só os grandes artistas podem possuir. Vejamos os paineis do corpo da egreja.

A Partida de Palma, *a* Tempestade *e a invocação, a arribada ao Rio de Janeiro, a inauguração da primeira capella, o lançamento da pedra funda-*

A partida

A tempestade

mental da grande egreja, em 1775, a sagração solemne em 1810, são os motivos principaes da magistral decoração.

Na Partida de Palma sente-se a calma e o adeus dos que emprehendem uma longa e duvidosa viagem. As figuras movimentam-se em attitudes de uma verdade estupenda. Martins e Leonor Gonçalves apparecem tranquillos no tombadilho para receber as despedidas dos que ficam, e a marinhagem activa as ultimas manobras.

Na Tempestade, o pintor apparece violento como as vagas que sacodem a fragil nau... A figura de Martins surge, agora, não com a calma da partida, mas implorante, tendo sobre o peito a gentil figura de Leonor; ao fundo, contrastando com a revolta, a santa imagem da Virgem, de uma suavidade grandiosa.

O movimento de tudo impressiona. O velame estoura pela furia do vendaval...

No painel O salvamento, a tranquillidade religiosa volve novamente aos olhos do observador. E' o agradecimento de almas que se viram perdidas na procella. O conjuncto é suave, de um mysticismo que encanta.

O Voto cumprido é o refinamento, a vaidade da promessa satisfeita e os costumes e as pompas de uma epoca. Lá estão as nossas tradições: o fogueteiro, a preta mucama e as galas, as bandeiras, os galhardetes e a folha de mangueira pelo chão... Os gibões em seda, rutilantes de ouro dos seus galões, perucas e caprichosos toucados empoados, que emprestam ás mais juvenis physionomias uma apparente severidade.

A sagração em 1775 representa o mesmo scenario de O voto cumprido, revestido de galas religiosas.

Sob o grande pallio, sustentado por pernas de madeira envoltas em folhagens, surge omnipotente a figura de Castello Branco, o santo bispo, grande, dentro dos paramentos. A nobreza e o governo da epoca estão representados na pessoa do marquez do Lavradio e sua gente.

Finalmente, temos A inauguração em 1810. E' o templo de hoje, grande na sua magnificencia severa. E' a recepção solemne da imagem da Virgem; a procissão, com todo o seu sequito pitoresco, com o seu pallio colorido; são os chales finos de seda em constraste com as vestes dos clerigos; são as lanternas que cortam, aqui e ali, as massas formadas pelos grupos, e, finalmente, o fim das luctas de dois seculos e a mais soberba glorificação de um artista.

A mesma emoção se vê nas decorações da cupula. Perfeitamente interpretadas são as figuras do conjuncto: representam a Virgem Santissima acompanhada das tres virtudes theologaes, Fé, Esperança e Caridade; e das quatro virtudes cardeaes, Prudencia, Justiça, Fortaleza e Temperança. As figuras são duas vezes e meia maiores que o natural. A interpretação dada pelo pintor ao assumpto foi pautada no seu espirito esthetico-religioso dentro das mais perfeitas condições da harmonia e do chromatismo. Completando os motivos, vêem-se creanças nuas executadas com um vigor magistral.

Nas sancas, em baixo do tambor da cupula, dentro de triangulos, collocou o artista as figuras dos prophetas patriarchas Isaias, Jessé, David e Salomão. O proprio pintor assim descreve o seu pensamento:

"Os personagens representados são: os prophetas patriarchas Isaias, Jessé, David e Salomão. Estão todos quatro sentados em posições diversas; trajam os costumes que lhes são proprios, e cada um delles está grupado com dois anjos, tambem em differentes posições e com accessorios."

Na capella-mór, João Zeferino da Costa interpretou varios aspectos da vida da Santissima Virgem. Representam os paineis, respectivamente, os seguintes episodios:

1° — Esponsalicio da Virgem (S. Matheus cap. I, versos 16 e 18). 2° — Annunciação da Virgem (S. Lucas, cap. I, versos 26 e 38). 3° — Purificação da Virgem (S. Lucas, cap. II, versos 22 e 39). 4° — Assumpção da Virgem (S. Bernardo, Serm. 1 et 4 in assumpt. B. M. V.).

Nesses paineis o mestre emprestou uma suavidade emocionante, de accordo com o assumpto nelles representados.

Na composição dos desenhos preliminares, Zeferino da Costa teve por auxiliar o seu discipulo Henrique Bernardelli, então em Roma, aperfeiçoando os seus estudos.

Para a execução da pintura mural, o saudoso mestre convidou, em primeiro logar, o pintor A. Rodrigues Duarte e depois os seus discipulos Oscar Pereira da Silva, Guilhermo G. dos Santos, J. Baptista Castagneto, Sebastião Vieira Fernandes, A. R. Pinto Bandeira, J. F. Gomes de Souza e J. Victorino da Silva.

Desse grupo de auxiliares, o proprio autor destaca Oscar Pereira da Silva. Do mestre são as seguintes palavras:

"Não posso deixar de distinguir o Sr. O P. da Silva, que durante tres annos me acompanhou sempre com muito aproveitamento."

Custou a decoração a importancia de 60:000$000.

Da douração do Templo foi encarregado o pintor Antonio de Souza Lobo.

Em toda a obra, mestre Zeferino reuniu o que de grande tinha na sua alma. A sua personalidade de artista puro resplandece, limpida, formosa como o seu coração.

Os que conviveram com Zeferino da Costa e da sua bocca ouviram os martyrios passados nos andaimes da decoração é que podem bem avaliar o seu valor. Lá, elle adquiriu a molestia que o levou ao tumulo, um rheumatismo que o aleijou e impediu de continuar a produzir obras do mesmo valor.

Mesmo assim, continuou apostolo; doutrinou até os ultimos momentos, e as gerações que passaram pelas suas encarquilhadas mãos continuam a viver sob a aureola que elle deixou no pensamento de todos.

Zeferino da Costa foi o mestre dos mestres. Delle receberam ensinamentos desde Bernardelli até Raymundo Cela, um fino artista, hoje em Paris, no goso do Premio de Viagem.

Maio, 1923

ERCOLE CREMONA.

A sagração em 1775

A inauguração

Recepção na Legação da Polonia, commemorativa do anniversario da promulgação da Constituição de 1791.

IMPERFEIÇÃO

Aos homens, na maior parte, não preoccupam os ridiculos e as eivas de que se não póde livrar, ainda mesmo nas suas expressões privilegiadas, a natureza humana. Como todos os individuos foram vasados no mesmo modelo divino, os que não evidenciam aberrações ou monstruosidades se julgam mais ou menos perfeitos, segundo a gente o póde ser no transito de hoje. E, por isso, ainda ha alegria e ventura, ainda a vida corre como um sorriso, macia, sonoramente, como a voz das fontes ou um fio de mel claro e perfumado do cantaro de Chloé, no tempo pastoral dos idyllios campezinos, ao som das frautas agrestes... Aquelles, porém, que se detêm, um momento, meditando a nossa deso'ada imperfeição, são sempre tristes. Vejam-se os enamorados da be'leza. E considere-se na angustia inexprimivel desses homens que vivem do anceio delirante de fixar em linhas eternas a belleza que não ha na terra.

Deante da Venus de Milo ou do Apollo de Belvedere, um homem de emoção deve sentir, a primeira vez, o fremito da belleza. Mas é apenas um fremito, que logo cessa de agitarnos, deixando-nos desencantados, á idéa de que a belleza pura, integral, não tem expressão humana, e só póde viver na perenne e gelada immobi'idade daquellas fórmas, plasmadas á vibração de um surto divino...

LEOPOLDO PERES.

DE REMY DE GOURMONT

A caracteristica do homem, na obra intellectual, é o pensamento. O pensamento é o homem. O esty'o é o proprio pensamento.

☆

Todos os que costumam visitar os museus já puderam observal-o: nunca um visitante vulgar pronuncia uma palavra que revele uma sensação artistica; o que interessa aquelle homem, ou aquella joven, que ali estão, é a anecdota, é o gesto materno ou amoroso, é o vestuario deslumbrante, é o bello grito de bravura que lança, na fumarada, aquelle heroe empennachado; nos poemas, é ainda a anecdota, e o sentimento: a poesia que não é lyrica, que conta historias, é a unica que tem conseguido popularidade em todos os paizes.

☆ ☆ ☆

DE OSCAR WILDE

Nos exames, os imbecis fazem perguntas que os sabios não pódem responder.

☆

Vivemos num seculo em que as coisas inuteis são as unicas necessarias.

☆

O rico e o pobre não são irmãos?
Sim, e o nome do irmão é Caim.

UM AJUDANTE

— Sim, Possidonio, papae consente que vás morar comnosco, mas tu promettes ajudar as despezas?
— Que pergunta! Eu ajudarei a despender, naturalmente.

Cinema Para todos...

Chronica

VARIAS

O Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa na primeira phase da acção judiciaria á Cinematographica Paulista, que explora no visinho Estado o Cine-Theatro Republica, contra a Fox Film. O pleito versa sobre a quebra de contracto dessa empreza importadora de films com a companhia exhibidora, facto de que nos occupámos destas columnas em devido tempo, analysando os processos muito em uso no nosso meio cinematographico e que contribuem francamente para o seu desprestigio. A acção da justiça correndo em taes casos a amparar direitos conculcados, contribuirá naturalmente para que semelhantes factos não mais se reproduzam, fazendo obra de saneamento efficaz.

☆ ☆ ☆

O Rialto volveu a abrir as suas portas como cinema e d'ora avante passará, ao que sabemos, as producções selectas da Universal e os films da Goldwyn. Já por vezes temos destas columnas lamentado que alguns films daquella empreza tão raramente passem nos estabelecimentos de projecção da Avenida. Acompanhando a evolução das outras emprezas, a Universal, não desprezando as producções baratas, de genero exclusivamente popular, destinadas nos Estados Unidos aos centros de povoação rural, tem carinhosamente procurado nas producções especiaes equiparar-se ás outras marcas. Actualmente mesmo alguns dos seus films têm feito successo entre as platéas dos Estados Unidos, exhibidos nos cinemas das grandes cidades. Verdade é que o Parisiense tem lançado algumas boas producções dessa marca, mas outras ha de que os frequentadores dos estabelecimentos da Avenida jámais viram. Ganha pois a Universal com a abertura do Rialto (se é que a direcção desse cinema fez substituir o mesquinho apparelho de projecção de que dispunha por outro mais em condições), assim como ganhará a Goldwyn, tendo um pouso seguro para os seus films, que até aqui têm borboleteado por varios logares. Entre os grandes programmas cinematographicos em execução nos Estados Unidos, não é dos menos ambiciosos o da Goldwyn, empreza antiga já e acreditada, auxiliada financeiramente pela grande fortuna de Dupont, o fabricante de artigos para guerra e para caça; aos seus 18 films annuaes, todos super-producções, foram juntar-se os 20 da Cosmopolitan, até aqui ligada á Paramount e mais recentemente os 12 da Distinctive Pictures, num conjuncto de 50 films, que permittirão um programma semanal. Já se vê pois que ao Rialto não faltarão films e bons films. Póde ser que desta vez a má sorte que o persegue desde a sua inauguração pelo Sr. Darlot cesse de exercer os seus maleficos effeitos e o publico concorra aos seus espectaculos. Com algumas alterações, pequenos reparos, melhor aeração, o Rialto se transformará com facilidade na melhor casa de exhibições da Avenida.

☆ ☆ ☆

Merece parabens a Paramount, que mal cessaram os applausos obtidos com "Sangue e Areia", lançou ao publico "A homicida" com exito egualmente retumbante. E a Metro volveu tambem a reunir os seus innumeros admiradores de outr'ora com a excellencia das producções que estão sendo vistas no Cine Palais. A estação cinematographica de 1923 vae ás mil maravilhas.

☆ ☆ ☆

Passou pelo nosso porto, em demanda do seu patrio lar (como a ave que volta ao ninho antigo), Miss Edna Goodrich, uma artista norte-americana que já figurou em films, sem nenhum brilho, e, agora, passando do cabo tormentorio dos 40 annos, parece estar aposentada. Essa cabotina quando chegou ao Rio andou a conceder entrevistas a quanto reporter curioso quiz ouvil-a e então prometteu mundos e fundos: estava á espera do seu director, do seu "camera-man", dos seus companheiros d'arte por um vapor, o primeiro que em nosso porto tocasse. Vieram dez vapores e o pessoal não chegou. Em um delles Edna Goodrich foi-se para o Rio da Prata. Lá, disse aos argentinos a mesma coisa: queria fazer fitas e mais fitas, utilisando as bellas paizagens da America do Sul. Os nossos irmãos platinos, bem menos ingenuos que nós, pouca attenção deram ao bluff *tentado. E desenganada a loira e madura* miss, *volve agora ao seu ninho, sem um galã que ella dizia tambem pretender descobrir cá pela terra.*

☆ ☆ ☆

Nós não nos impressionamos com a Goodrich, como em muitas outras coisas não nos temos im-

A NOSSA CAPA

COLLEEN MOORE nasceu no anno de 1900, em Port Huron, Estado de Michigan, e foi educada num convento de Tampa, em Florida. Tem olhos e cabellos castanhos, pesa 50 kilos e tem 1 metro e 60 de altura. O seu nome verdadeiro é Kathleen Morrison. Quem se esquece do seu trabalho ao lado de Monroe Salisbury, no *Selvagem*, e com o grande Hayakawa em *A marca do diabo*? Quem não se recorda da *leading-woman* de Charles Ray em *Dictames do coração* e *Camponez athleta*? Quem não a viu recentemente em *Abandonando todos os outros* e *Adeus Maria*?

pressionado, deixando que delirassem imaginações mais credulas em torno do palavreado da cabotina, que distribuia fartamente retratos com dedicatorias a todos quantos lh'os pediam. Que fizemos bem, ahi está a prova. E agora... "la comedia è finita!" Venha outra!

☆ ☆ ☆

E' com os mesmos olhos desconfiados que encaramos essa circular enviada aos jornaes do Brasil pela Twin Americas Film Co., que promette, com um capital de 160 mil dollars ("excusez du peu") vir fazer films no Brasil, trazendo artistas americanos de fama. Da lista constam os nomes de astros *e* estrellas *que todos, á excepção de um só, estão presos por contractos a longo prazo com as principaes fabricas norte-americanas. Basta esse facto para não tomarmos a sério essa communicação, que fica de quarentena, como ficou Miss Edna Goodrich.*

OPERADOR.

☆ ☆ ☆

Charles Ray em algumas poses

Souls for sale, o film da Goldwyn, em que tomam parte Barbara La Marr, Mae Busch, Lew Cody, Frank Mayo, Richard Dix e outros artistas, bateu o *record* do successo, quando exhibido no Theatro Capitol, de New York. Até agora, os films que mais successo tinham alcançado neste theatro eram *The Christian, Sapho* e *Madame Dubarry*, de Pola Negri e *Robin Hood*, Douglas Fairbanks, e todos foram batidos.

☆ ☆ ☆

O director Edward Laemmle, sobrinho de Carl Laemmle, o homem que dirigiu *Nos dias de Buffalo Bill* e outros films, contractou casamento com a senhorinha Peppi Heller.

ORPHÃO E JUIZ

(T R O U B L E)

Film First National — Producção de 1922

Direcção de Albert Austin

DISTRIBUIÇÃO

Danny	Jackie Coogan
Edward Lee....	Wallace Beery
Mrs. Lee.......	Gloria Hope
Seus paes......	) Charles K. French) Martha Franklin
O policia.......	Eddie Gribbon
Juiz White.....	Bert Woodruff
Director do orphanato	Neel Spangh
Seu ajudante ..	Wilson Hummel
Pingo de chocolate	Herbert Jenkins
O cachorro	Queenie

— Sherbit! Você está dormindo? — sussurrou baixinho a voz.

E mais baixinho ainda o outro sussurro respondeu:

— Não, você não está vendo que eu estou acordado? E um leve rumor como de um pé descalço a pousar no chão...

— Ave Maria! Sherbit, a gente não vê você no escuro.

E um ao lado do outro, ajoelhados, com os cotovellos na beirada da cama de ferro, em camisola de dormir, juntavam as mãozinhas em attitude devota de oração.

E um ao lado do outro, os joelhos na cama de ferro...

...e correu a se acolher no seu regaço...

— Escuta, Deus! — começou Danny, — nós sabemos que já é muito tarde, mas pensamos que de dia o senhor está muito occupado e que era melhor a gente falar de noite.

— Eu acho que lá em cima está tudo dormindo, — arriscou Sherbit. — Você não acha, Danny, que Deus tambem costuma ferrar no somno?

— Sherbit, você parece pagão! — ralhou Danny.

E, adoçando a voz, continuou a sua oração:

— Olha, Deus, faze-nos favor, eu e Sherbit queremos uma mãe. Não temos pae nem mãe e não gostamos muito desse negocio. Sherbit quer uma mãe preta, mas a minha é bem branca que eu quero. Por emquanto é só isso que nós queriamos que o senhor nos désse. E muito obrigado.

E, depois, dois rumores quasi simultaneos das molas da cama.

— Sherbit! Você está acordado?

— E então?! Escuta, Danny, quando é que nossas mamães vêm?

— Eu acho que não demoram. Deus tem sempre uma porção para os meninos, como a gente, que não as têm.

Quem sabe? Foi talvez em resposta á oração de Danny que, duas semanas depois, a matrona que diri-

O negocio estava difficil, pensava Danny.

gia o orphanato dos pobrezinhos abandonados os chamava para uma esfregação em regra e lhes dizia:

— Olhem, portem-se muito direitinho. Hoje vem muita gente aqui visitar, e quem não tiver a cara suja e mostrar bons modos, com certeza encontrará uma mãe.

— Eu não dizia! — exultou Danny. — Eu não disse que Deus estava ouvindo!

— Mas eu acho que não vem mãe preta, — observou Sherbit, que nunca havia, nos seus poucos annos de existencia, conhecido um momento de felicidade e era sceptico por intuição.

A visita começou e os serviços de Danny foram requeridos como exhibidor daquella especie de mercadoria humana.

Os visitantes passavam e repassavam em revista ao rebanho, guiados pelo pequeno Danny, que, com um admiravel tino de commerciante, mostrava as mercadorias e elogiava as qualidades de cada um dos seus companheirozinhos.

Sherbit parecia ter razão na sua má sorte: até áquella hora nem uma mãe preta capaz de adoptar um filhinho da mesma cor. Porém, quasi ao terminar a visita, Danny pulou de contente: uma enorme cara luzidia e aberta num vasto sorriso, que mostrava uma fileira de dentes brancos, apparecia na entrada.

Danny correu para ella e disse que havia guardado justamente o que procurava. E, tomando-lhe a mão, levou-a até junto de Sherbit.

A negra baixou os olhos para o molequinho e, com a facilidade de enternecimento da sua raça emotiva, seus olhos encheram-se de lagrimas, ao mesmo tempo que murmurava palavras de carinho, apertando Sherbit contra o seu vasto peito. E agora, já seis horas haviam soado, e Danny surprehendia-se sósinho no pateo do orphanato, apercebendo-se, pela primeira vez, de que se havia lembrado de todos, menos de si. Mais um momento e o portão se fecharia, ficando elle sem mãe. Danny fez uma supplica intima e ardente e aquella que o Destino nos seus insondaveis arcanos lhe reservava para mãe appareceu. Danny viu-a, reconheceu que era ella a enviada e correu a se acolher no seu regaço, como a avezinha corre em busca do ninho quando a noite se approxima.

— Edward, eis aqui justamente o que eu idealisava! — disse a mulher, falando para o seu marido, que a acompanhava.

(*Termina no fim da revista*)

Era Swipes, o cão do bombeiro.

ALLEN HOLUBAR, o extraordinario director de *Coração da humanidade*, *O stygma da deshonra* e *Ambição*, o homem que o Rio conhece desde os seus primeiros tempos de actor da Universal, firmou um contracto com a Metro para dirigir quatro ou mais films por anno. Com a sua entrada, são estes os grandes directores que trabalham para a fabrica de Marcus Loew: Allen Holubar, Rex Ingram, Fred Niblo, Robert Leonard, Reginald Barker e Harold Shaw.

Em "Hearts aflame", da Metro: Stanton Heck, Russell Simpson e Leonard Schumway (primeiro plano), Martha Mattox, Anna Q. Nilsson e Craig Ward (segundo plano), em uma das scenas mais palpitantes.

Carlo Romanelli, esculptor, modelando as mãos de Clara Kimball Young.

WILLIAM FARNUM, que ha muitos annos trabalhava para a Fox, acaba de deixar esta fabrica e firmar um longo contracto com a nova companhia Truart, á qual já pertence Elaine Hammerstein, recentemente contractada tambem.

Esta fabrica tem alguma relação, pelo menos financeiramente, com a Tiffany Productions, onde Mae Murray trabalha.

E' bem possivel que uma pellicula da Truart seja lançada como uma producção da Tiffany e distribuida finalmente pela Metro...

☆ ☆ ☆

Might lak'a Rose, film da First National, dirigido por Edwin Carewe, agradou em New York. Dorothy Mackaill, a actriz principal, foi bastante elogiada tendo o critico Beauvais Fox, da *Tribune*, notado que o seu typo e modo de representar se parecem com os de Lillian Gish.

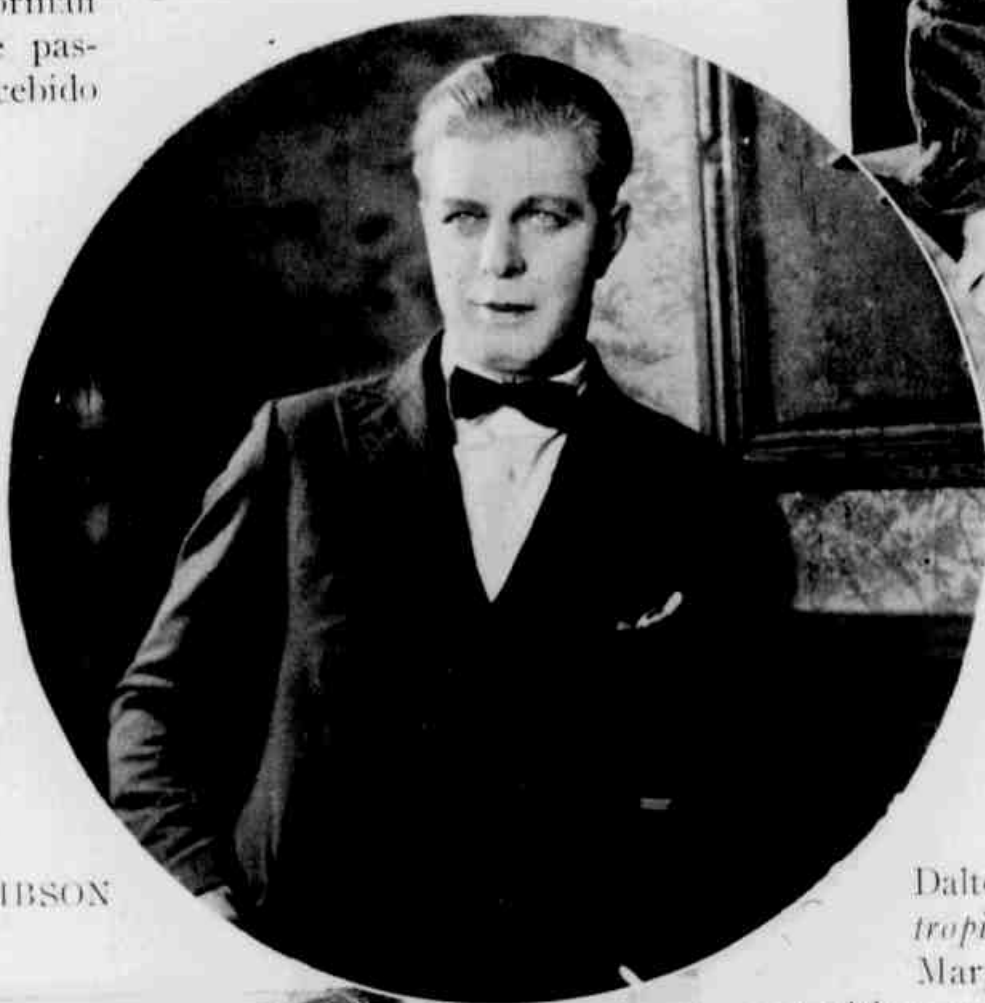
BERT LYTELL

AS GRANDES ENSCENAÇÕES CINEMATOGRAPHICAS: UMA SCENA DO FILM

UMA SCENA DO FILM *RAINHA DA FESTA,* DA COSMOPOLITAN - PARAMOUNT.

QUEM E' WALTER LONG

E' um dos melhores e populares cynicos da tela. Nasceu em Milford, New Hampshire, no anno de 1884. Logo que terminou os seus estudos entrou para o theatro, tendo trabalhado numa companhia de *vaudeville*, chefiada pelo actor Holbrook Blinn, nosso velho conhecido dos films da World. Continuou por algum tempo no palco e fez successo. O cinema, porém, seduziu-o. Começou na Essanay, passou á Triangle, Fox e depois á Universal, onde teve um dos melhores trabalhos de sua carreira ao lado de Edith Roberts em *Tigrinha*, bello film feito sob a direcção do director argentino Norman Dawn, que passou despercebido entre nós, como quasi todos desta fabrica. Esteve na First National e ultimamente tem apparecido mais

HOOT GIBSON

DOROTHY DALTON

frequentemente nos films da Paramount, entre os quaes podemos citar: *Desculpe a poeira*, com Wallace Reid, *O lobo do mar*, ao lado de Noah Beery e Mabel Julienne Scott, *De marujo a commandante*, secundando Dorothy Dalton e Rodolph Valentino, *Sob o céo tropical* no papel de "Sidney Latimer" com Mary Miles Minter no papel principal, e por ultimo como bandido em *Sangue e areia*.

E' um caracteristico de primeira. Esteve na grande guerra como capitão do exercito americano.

E para ver como são as coisas, — na vida real é a creatura mais amiga e amavel que pisa os *studios* de Hollywood.

Considera-se muito feliz e aprecia immenso os athletas do cinema, como Bull Montana e Douglas Fairbanks.

☆ ☆ ☆

Carmelita Geraghty, Rhea La Forte e Jean Haskell tambem trabalham em *The Eternal Three*, da Goldwyn, produzido por Marshall Neilan e dirigido por Frank Urson. Toda a companhia foi enviada recentemente ao Mexico, para filmar algumas scenas deste film... e talvez para molhar a guéla...

☆ ☆ ☆

Hunting Big Game in Africa, um film que descreve interessantissimas caçadas no interior da Africa e que esteve passando no Lyric durante onze semanas, foi adquirido e vae ser distribuido pela Universal. Quer dizer isto que breve o veremos.

PRISCILLA DEAN

NO FUNDO DO MAR

(YELLOW MEN AND GOLD) — *Film Goldwyn* — Producção de 1922 — Direcção de Irwin Willat

DISTRIBUIÇÃO

Parrish. . . .	Richard Dix
Bessie.	Helene Chadwick
Carrol.	Henry Barrows
Carmen. . . .	Rosemary Theby
Lunch.	Richard Tucker
Craven.	Fred Kohler
Todd.	Henry J. Herbert
Cunningham. .	William Moran
Chang.	Goro Kino
Zili.	George King
John.	William Carroll
Abraham. . . .	R. T. Frazier

No modesto arrabalde de San Mateo, na cidade de San Francisco da California, vivia James Parrish, joven escriptor, cujas novellas eram invariavelmente rejeitadas pelos editores. Era, na verdade, coisa extremamente difficil satisfazer o gosto de certos editores, que tinham o habito de calibrar pelo seu o gosto do publico. Como saber se um trabalho é bom ou máo antes de havel-o imprimido e posto em circulação? Essas reflexões que o pobre James Parrish fazia, depois de haver entrado em casa, á noitinha, foram interrompidas por gritos de soccorro vindos da rua.

Correndo á janella, James viu um homem cahido por terra. Num apice, Parrish saltou pela mesma janella e, abaixando-se junto ao individuo, percebeu a gravidade do ferimento, e, por sua vez, gritou por alguem que o auxiliasse.

Tom Carrol, seu visinho, acudiu.

Porém, emquanto Carrol não chegava, Parrish perguntou ao ferido pelo autor da aggressão.

— Inimigos, — balbuciou o homem com esforço. — Procure... bolsa... debaixo pedra manchada. Elles me mataram por causa della. Não deixe que elles a tirem...

E desfalleceu, sem poder dizer mais nada.

Nesse momento Carrol chegava e examinava a victima, perguntando se elle havia dito quem o ferira. Parrish respondeu que o homem pronunciara algumas palavras inintelligiveis e morrera; agora só lhe restava ir prevenir a policia.

E como Parrish se afastasse para levar a referida communicação, Carrol abaixou-se, revistou os bolsos do morto e murmurou, suspeitoso:

— Algum mysterio... Tenho de vigiar Parrish, porque estou certo de que este homem lhe falou.

Carmen riu-se, zombateira, dos patifes...

A policia não tardou ao local, procedeu a uma ligeira investigação sem resultado.

Mas, emquanto isso, Parrish raciocinava:

— Esse homem conhecia o esconderijo secreto de uma bolsa valiosa. Outros tambem sabem da sua existencia e, provavelmente, quizeram arrancar-lhe o segredo. O homem recusou falar e elles o mataram. Que conterá essa bolsa? Estou curioso e hei de saber.

Parrish conhecia o ponto rochoso da costa e não seria difficil encontrar um rochedo manchado. A questão era saber se essa pedra estava á beira-mar.

Parrish partiu para iniciar as suas pesquizas, ignorando que, como uma sombra, Carrol seguia-lhe os passos, acompanhado de um outro individuo.

O escriptor não tardou a descobrir a tal pedra manchada.

— Seria, de facto, aquella a que se referira o moribundo? — pensava elle, presa de certa emoção.

Mas nisso elle sentiu a voz de Carrol e admirou-se de encontral-o naquelle sitio ermo. Mas o outro, velhaco, apressou-se em responder:

— Eu ouvi o que o tal ferido lhe falou, e vim, tambem, á procura do enigma.

— E', justamente, o que eu estou fazendo, — retrucou Parrish.

Carrol viu a boa fé do rapaz e, certo de não ser traido, disse-lhe que, se elle descobrisse qualquer coisa, o prevenisse, e foi postar-se atraz de uma rocha, donde observava os movimentos do outro.

Parrish continuou as buscas e, pouco depois, encontrava debaixo da tal pedra uma *valise*. Retirou-a do esconderijo e abriu-a. Estava vasia. Mas, examinando bem, descobriu um papel amarellecido, em que, com curiosidade, foi lendo:

"Traslado do inventario original que se encontra na Bibliotheca de Madrid, dos objectos de ouro, de prata e das joias consignados por Pizarro, do Perú, na galleota "Espirito Santo", ao rei da Hespanha. — 1.800 *libras de ouro em barra;* 2.800 *libras de prata em barra;* 3.000 *caixotes contendo joias diversas em ouro."*

... *alcançando-o e arrastando-o para junto do barco...*

Nas costas do papel havia, grosseiramente traçado, o mappa de uma ilha, com o logar onde o thesouro naufragara assignalado por uma cruz. Havia tambem outros detalhes de longitude e latitude.

A sensação do escriptor foi extraordinaria. Carrol, que o observava com um binoculo, despachou o seu companheiro para a cidade e dirigiu-se para o ponto em que estava Parrish, abordando-o com ar mellifluo:

— Então, que encontraste?

— Nada, — respondeu o outro, fingindo um ar desolado. — Perdi meu trabalho.

A esse tempo, o outro individuo chegava ao bairro de San Mateo e entrava em casa de Carrol, onde havia, num aposento, dois individuos e uma mulher.

Esbaforido, o mensageiro contou-lhes tudo quanto observara. Parrish havia descoberto o roteiro do thesouro, e, dentro em pouco, não tardaria ali, attrahido por Carrol.

Não se passava muito tempo e, effectivamente, Carrol chegava, acompanhado de Parrish, apresentando-o aos individuos e á mulher, que acudia ao nome de Carmen.

Parrish sentiu-se um tanto surprezo no meio daquella sociedade e interpellou Carrol sobre a especie dos seus amigos. Este lhe explicou que elles haviam registrado um barco para pescar perolas e desejavam que elle, Carrol, fosse como patrão, dada a sua pratica de antigo marujo. E, depois de uma pequena pausa, ajuntou:

— E porque não vens tambem comnosco? Tomarias conta do diario de bordo.

Parrish não respondeu logo. Depois, como achasse pueril qualquer desconfiança, e animado pela miragem do thesouro, tirou o papel do bolso e disse a Carrol que elle tinha uma coisa que talvez valesse mais a pena do que procurar perolas no fundo do mar.

Carrol sorriu com extranho fulgor nos olhos, ao ouvir a leitura do papel, e, depois de consultar os amigos, declarou a Parrish que elles estavam por tudo, ficando a coisa combinada.

Nesse momento, Carmen approximou-se do escriptor e, aproveitando-se do afastamento de Carrol, disse á meia voz:

— O senhor é de muito boa fé, não é exacto? Eu, no seu caso, tomaria mais cuidado do mappa. Poderia haver ladrões na California...

— Arriscarei, — respondeu Parrish. — A descoberta desse thesouro é a minha unica esperança. E se você fôr comnosco, sinto que teria um bom amigo a meu lado.

Os preparativos da viagem foram iniciados immediatamente e, no momento do embarque, os scelerados embriagaram Parrish, levando-o para o caes em estado de absoluta inconsciencia.

Uma vez ali, Carrol despojou a sua victima do roteiro e, sem a menor vacillação, atiraram o pobre rapaz ao mar, como o meio mais expedito de se verem livre delle.

A pouca distancia do local estava ancorado o *Shantung*, a bordo do qual se encontrava Bessie, uma rapariga visinha de Parrish e que sempre que via o joven escriptor entrar ou sahir de casa sentia o seu peito arfar e o sangue lhe affluir ás faces.

Quando ella viu aquelle homem atirado ao mar, saltou a amurada do barco e nadou vigorosamente, alcançando-o e arrastando-o para junto do barco, cuja tripulação a içou com o naufrago para bordo.

A proeza dos bandidos foi assistida por Carmen, que havia, previamente, sido enviada para a embarcação de Carrol, a *Calliope*, e, quando estes ali chegaram, ella verberou a covardia e maldade com que elles haviam tratado o pobre rapaz.

A esse tempo, Parrish era cuidado

... *o costado do "Shantung" onde foi recolhida...*

com todo o desvelo a bordo do *Shantung* e adormecia na inconsciencia do perigo que havia corrido, para só accordar no dia seguinte.

— Carrol! — chamou elle ao despertar do somno profundo.

Mas quem entrou foi Bessie.

Parrish ficou surprezo: Carrol não lhe havia dito que havia uma outra rapariga a bordo.

Antes que a moça tivesse tempo de falar, o rapaz viu apparecer uma cara risonha de um chim. A moça apresentou:

— Esse é o nosso capitão, Chang. O senhor foi hontem atirado ao mar e nós o salvámos.

— Nós, não, — corrigiu o chim, — foi ella que o salvou.

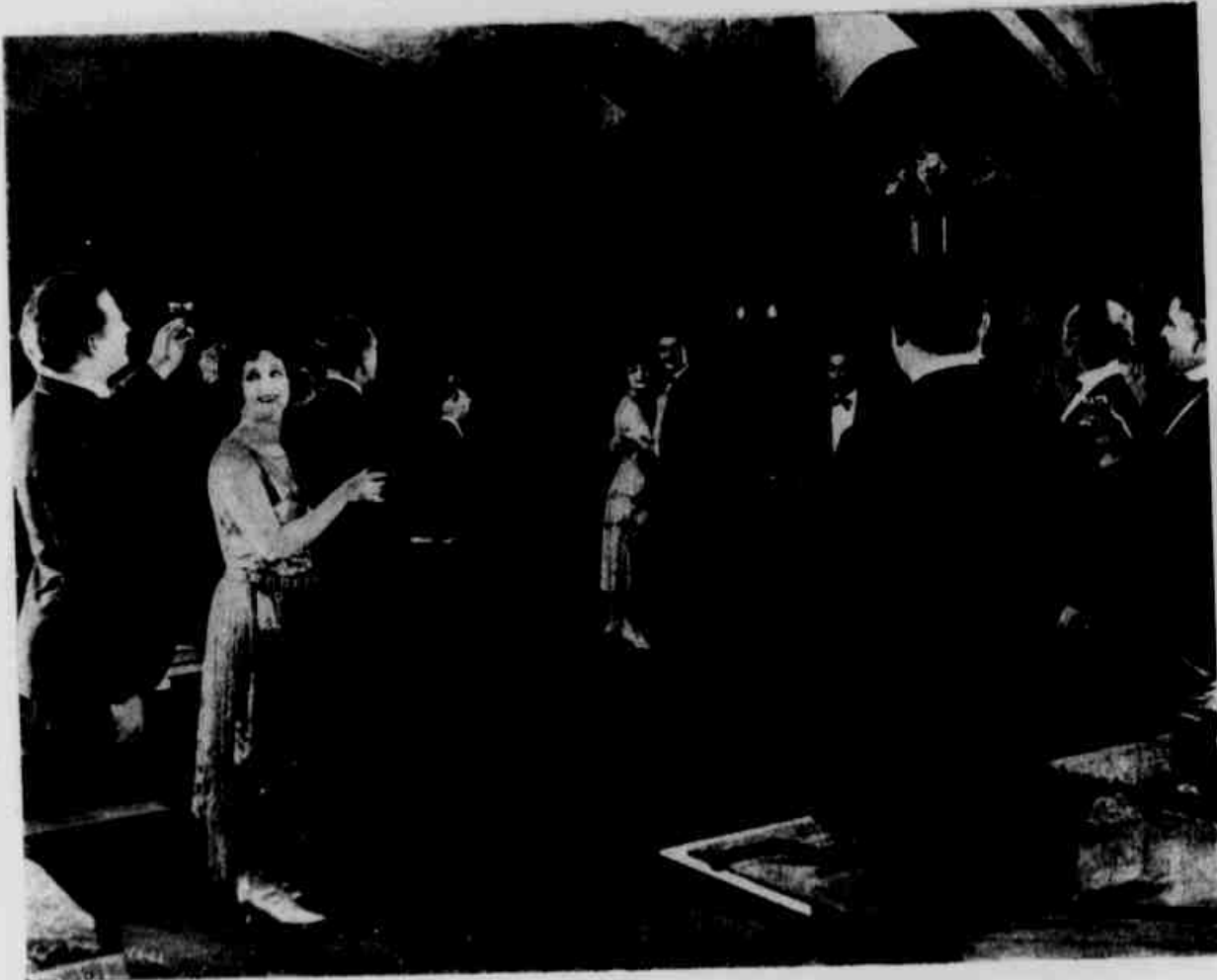
Parrish, então, estremeceu, comprehendendo todo o plano diabolico dos individuos, e levou, nervosamente, as mãos aos bolsos.

— Ah! os miseraveis me roubaram, como eu desconfiava! — bradou elle, narrando tudo, immediatamente, á sua salvadora.

A moça ouviu a narrativa e, quando elle terminou, disse-lhe:

— Só ha uma coisa a fazer: é seguir no encalço delles. Suba ao tombadilho e combinaremos o nosso plano de acção.

Pouco depois Parrish explicava que o trabalho não seria tão difficil, como á primeira vista parecia, pois, desconfiando de Carrol, elle havia tirado uma duplicata do roteiro, no qual só havia a indicação da ilha, sem os pormenores indispensaveis sobre o local onde estava o thesouro.

— Foi essa que elle roubou. A boa está aqui, — disse elle, mostrando-a a Bessie e a Chang.

...*fazendo a elle Carrol e alguns dos seus amigos um bando de scelerados.*

Não demorou muito que as velas do *Shantung* panejassem ao vento, em seguida se retesassem enfunadas e o barco partisse ligeiro e sereno como uma grande gaivota, para aquella viagem ao desconhecido, sob o commando de Parrish, que assim começava a viver, na realidade, as emoções das fantasias que o seu espirito de romancista muita vez creara. Parrish tinha, entretanto, uma curiosidade ainda a satisfazer: era a presença de Bessie a bordo do barco.

Mas esta não tardou a satisfazel-o. Seu pae era missionario e morrera na China, em consequencia de um terremoto. Ella fora carinhosamente recolhida por Chang, e, desde então, tivera por lar aquelle barco do seu bom amigo. Em terra só vivera o tempo que morara visinha delle, Parrish.

Quando a bordo da escuna *Calliope* foi descoberto o truc de Parrish, houve um movimento de colera entre os bandidos. Carmen riu-se, zombeteira, dos patifes, atiçando os ciumes de Carrol.

— Enfeitiça-la pelo melro, logo á primeira vista, hein?!

— Mas nunca fiquei por ti, — replicou a mulher, afastando-se da presença daquelle typo, que ella odiava tanto como aos patifes dos seus companheiros.

A bordo ella só fazia excepção, e intencionalmente, para um dos tripulantes, o marinheiro John, a quem tratava com engodos para tel-o ao seu serviço quando fosse preciso. Essa occasião, aliás, não tardou.

Um dia, o *Shantung* foi percebido no horizonte pela equipagem da *Calliope*, e Carmen deliberou abandonar immediatamente os seus companheiros. E, nessa mesma noite, illudindo John, que estava de quarto, ella conseguiu escapar-se num bote salva-vidas, remando para o *Shantung*. A sua fuga foi percebida e da *Calliope* uma saraivada de balas cahiu em torno do bote. Carmen, porém, não fraquejava, remando com força e

Junto ao esqueleto da baleia os exploradores descobriram...

(*Continúa no fim da revista*).

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Grupo no Pavilhão da Noruega, depois da cerimonia da entrega da bella construcção pelo Ministro daquelle paiz amigo ao nosso governo, representado pelo Sr. Dr. João Luiz Alves, titular da pasta da Justiça. — No Pavilhão Americano: "smoker" em homenagem ao Exercito Brasileiro.

A Exposição continúa attrahindo innumeros visitantes. do Rio, dos Estados e do Estrangeiro. Não faltam attractivos ao nosso grandioso certamen. Todos os dias rito. Seu principal recinto e suas dependencias merecem ha ali novos motivos para encanto dos olhos e do espicada vez mais a attenção publica.

sentou com Madge Kennedy no photodrama *The Perfect Lady*, com Marguerite Clark em *Mrs. Wiggs of the Cabbage Path* e um papel de enfermeira em *The Sporting Duchess*. No film *The Devil's Garden* representou o principal papel feminino ao lado do notavel actor Lionel Barrymore, e logo depois em *A verdade acerca dos maridos*. Veiu então o grandioso photodrama *Tommy, o sentimental*, no qual May representou o difficil papel de "Grizel". Este film obteve um grande successo na America do Norte e a minha filha não cabia em si de contente pelos elogios que unanimemente lhe fez a imprensa. Passou então de actriz a *estrella*. A sua constancia e a sua energia tinham feito com que ella alcançasse o que mais desejava neste mundo. Partimos para a California, e quando chegámos a Los Angeles gostámos immenso da casa que tinha sido alugada para nós. Fomos muito bem recebidas no *studio* Lasky e May fez logo boas amizades com as outras actrizes. A arte é a imitação da Natureza, disse um profundo pensador, mas esqueceu-se de dizer que essa imitação não é facil de ser reproduzida. May, portanto, estuda a sua arte constantemente, tanto em casa como no *studio*. Em casa confia em mim, pois sempre lhe disse com frequencia, desde o dia em que ella completou dez annos, que o melhor antidoto contra o enfado é o trabalho. No *studio* confia em Lois Wilson, que é a sua melhor amiga. Mesmo tendo talento, uma actriz é obrigada a ser methodica na sua vida particular e estudiosa para poder agradar ao publico que aprecia a sua vida de artista, e é por isso que eu considero a minha May a melhor actriz do mundo. Os defeitos que outros notam nella, os meus olhos de mãe não vêem.

☆ ☆ ☆

A primeira producção da Cosmopolitan para a Geldwyn tem o enredo tirado da historia *The daughter of Mac Ginn*, escripta por Jack Boyle. Nella trabalham Colleen Moore, Forrest Stanley, George Cooper, Carmelita Guaghty e Margaret Seddan, dirigidos por George W. Hill e Frances Marion.

☆ ☆ ☆

O proximo film de Walter Hiers para a Paramount será *Fair Week*, dirigido por Bob Wagner. A sua *leading-woman* será Constance Wilson, uma irmã de Lois Wilson, que já fez uma "pontazinha" em *The Covered Wagon*, e os demais artistas serão J. Farrell Mc Donald, Bobbie Mack, Newt Erickson, a *vampira* Carmen Phillips e a menina Mary Jane Irving.

☆ ☆ ☆

O "Pathé News n. 23" traz exclusivamente a viagem de Hinton e Martins e a sua chegada ao Rio de Janeiro, cinematographada pelo operador que veiu com elles a bordo. Este numero do apreciado jornal cinematographico tem despertado enorme curiosidade na America e alcançado grande successo, ficando o publico americano encantado com as vistas tomadas durante o percurso, e admirado com as outras mostrando o povaréo no dia da chegada.

☆ ☆ ☆

Ralph Ince vae dirigir um film de Dorothy Dalton, adaptado da novella *Leah Kleschna*, escripta por C. M. Mac Lellan.

☆ ☆ ☆

Marie Prevost e Robert Ellis, o galã de Priscilla Dean em *Mel Sylvestre*, serão os artistas principaes de um novo film produzido por Louis Mayer, que será distribuido pela First National.

☆ ☆ ☆

Johnny Hines escreveu uma musica chamada *Luck*, o mesmo titulo do seu ultimo film para a Mastodon, fabrica já conhecida no Rio.

☆ ☆ ☆

O primeiro film de cinco partes que William Desmond vae fazer para a Universal chama-se *Mac Guire of the Mounted*. Louise Lorraine, Vera James e Willard Louis tomam parte e Richard Stanton é o director.

1) *Bert Lytell*. — 2 e 3) *Bull Montana na sua parodia cinematographica do celebre film de Douglas Fairbanks, "Robin Hood"*.

ALICE BRADY,
NO FILM
"ANNA ASCENDS",
DA PARAMOUNT

Maurice Costello foi o primeiro nome que ganhou celebridade no cinema. Nos tempos em que a cinematographia ensaiava seus primeiros passos, elle ao lado de Mae Marsh, das Gish, Mary Pickford, Mary Fuller, Cleo Ridgely, Francis Bushman, Flora Finch, John Bunny, Broncho Billy, Carlyle Blackwell, King Baggot se notabilisou rapidamente e em 1907 já seus serviços eram altamente cotados entre os que tentaram a incipiente industria.

Norma e Constance Talmadge e Clara Kimball trabalharam com elle em films que só tinham na epoca dois rolos ou duas partes. Conservou esse artista a sua popularidade por muitos annos. Parece, porém, que o abuso do alcool afastou-o por algum tempo do cinema. O nome de Maurice Costello, o outr'ora famoso galã, começou a ser esquecido.

Agora, volve elle ao cinema, apparecendo em um film da Paramount, *Glimpses of the Moon*. Já o seu cabello apresenta o aspecto sal e pimenta da edade. No film em que figura como marido de Nita Naldi, Costello faz um papel caracteristico, mais adequado hoje ao seu physico e á sua edade. Parece nada haver perdido de suas qualidades scenicas.

☆ ☆ ☆

Com a Norma Talmadge, em *Ashes of Vengeance*, trabalham Conway Tearle, Wallace Beery, Josephine Crowell, Betty Francis, Claire Mac Dowell, Courtenay Foote, James Cooley, André de Béranger, Boyd Irwin Winter Hall, William Clifford, Murdock Mac Quarrie, Hector Sarno e Earl Shenck.

☆ ☆ ☆

Frank Mayo é a principal figura masculina do film de Corinne Griffith para a Goldwyn, *Six days*, com o enredo da autoria da conhecida escriptora Elinor Glynn, a autora do *Grande momento* e amicissima de Gloria Swanson, com quem appareceu nesse mesmo film.

Charles Brabin, o director de *Luzes de New York*, é quem dirige e os outros artistas são: Maude George, Claude King e Myrtle Stedman.

☆ ☆ ☆

Griffith está com idéas de fazer o seu proximo film na Italia.

A JOVEN DIANA

(THE YOUNG DIANA)

Film Cosmopolitan - Paramount

Producção de 1922

Direcção de Robert Vignola

DISTRIBUIÇÃO

Diana May	Marion Davies
Doutor Dimitrius	Pedro de Cordoba
Lady Anne	Gypsy O'Brien
Richard Cleeve .	Forrest Stanley

— Este carro cheira a bolôr como um subterraneo, — disse a dama ingleza, aspirando o ar pelas narinas dilatadas e olhando significativamente para a mulher que se achava sentada pouco distante della.

A moça que viajava em sua companhia sorriu, afastando-se um pouco no banco da tal mulher, que, no seu costume preto, de expressão mais melancolica do que sombria, conservava-se obstinadamente silenciosa, indifferente ás tentativas da dama ingleza para entabolar conversação, indifferente á paizagem de montanhas cobertas de neve que se desenrolava ante seus olhos, na carreira do comboio.

E quando o conductor do trem veiu annunciar o nome de uma estação e a sombria creatura levantou-se como se despertasse de uma lethargia, a moça pensou de si para comsigo.

— Cruzes! parece uma alma penada!

E assim que a mulher desceu, a respeitavel dama observou, com um ar de dignidade offendida:

— Mas havia sempre Ricardo Cleeve comtigo.

— Que companhias a gente é obrigada a supportar quando viaja no continente! Palavra de honra, nunca me vi tão ignorada como por essa assombração!

E a moça commentou:

— O que me admira é se ha alguem que a espere. Será possivel que uma creatura assim tenha amigos, alguem que a estime, que a ame?

Esta ultima hypothese fez a sua propria autora corar e baixar os olhos. E como os seus olhos baixassem, ella viu um recorte de jornal que a extranha companheira de viagem estivera lendo. Apanhando o papelucho, ella leu:

"Um celebre medico e scientista da Suissa deseja encontrar uma dama que o auxilie em uma importante experiencia. A pessoa requerida deve ser de meia edade e não ter amigos. Resposta ao Dr. Dimitrius, Auvergle, Suissa."

As duas mulheres se entreolharam, traindo a impressão que lhes causara aquelle recorte de papel. Veiu-

Recebera já dezesete propostas de casamento.

Lady Anne soube das ordens sobre a esquadra...

lhes um grande sentimento de piedade por aquella creatura, que, pouco antes, lhes inspirava a mais detestavel antipathia.

— Ella não era má de traços, — arriscou a dama. Deve ter sido bonita quando moça.

— "Sem amigos e de meia edade" — repetia a moça, com uma voz que vinha de longe...

A esse tempo, a mysteriosa viajante, subia a montanha, num carro velho e surrado, cujo cocheiro lhe perguntava meio desconfiado:

— Madame falou ao Dr. Dimitrius ?

— Sim, e que tem isso?

— Não, não tem nada,— respondia o cocheiro, — mas o povo dizia que aquelle homem tinha parte com o diabo; vivia isolado, sem receber visitas.

Pouco depois, ella chegava ao termo da viagem, despedia o carro e puxava o cordão da campainha, quebrando o silencio daquella casa de apparencia deserta e abandonada. A porta abriu-se deante della e fechou-se sobre os seus passos, e ella viu-se guiada através de um corredor até junto de uma porta, onde o seu guia annunciou:

— O grande doutor!

A viajante viu-se numa sala espaçosa, illuminada apenas por uma vela, cuja luz mortiça deixava a peça immersa em meia obscuridade. E nessa penumbra, um vulto alto, envolvido num roupão cor de rosa, levantou-se para recebel-a. Tomando o castiçal na mão enluvada, o vulto ergueu a luz á altura do rosto da recem-vinda e soltou uma exclamação:

— Diana! tu?!

— Estou assim tão mudada, então? — respondeu a mulher com triste ironia. — Tu estás o mesmo, meu caro Jan. As pessoas que não têm illusões a perder, nunca envelhecem, porque são sempre velhas.

Com as mãos tremulas pela emoção, Dimitrius accendeu outras luzes. Depois veiu para junto da mulher e ambos se fitaram demoradamente. Ella, a mais linda moça de Sussex!... Que fizera dos seus cabellos de ouro, do esplendor dos seus olhos azues, ella, a formosa Diana May?...

— Tu devias saber, Jan, tu, que os roubaste.

— Eu?! Eu nunca tive o poder de tocar em ti e Deus sabe que eu daria tudo quanto possuisse para ter tido esse poder, mas havia sempre Ricardo Cleeve comtigo, — retrucou o rapaz, fazendo uma contracção com o rosto como se sentisse reabrir-lhe uma ferida ainda não inteiramente cicatrizada.

— E havia sempre Lady Anne com Ricardo Cleeve, — disse Diana, com voz aspera. — Oh! que sensação de felicidade a gente devia ter se acreditasse em alguem.

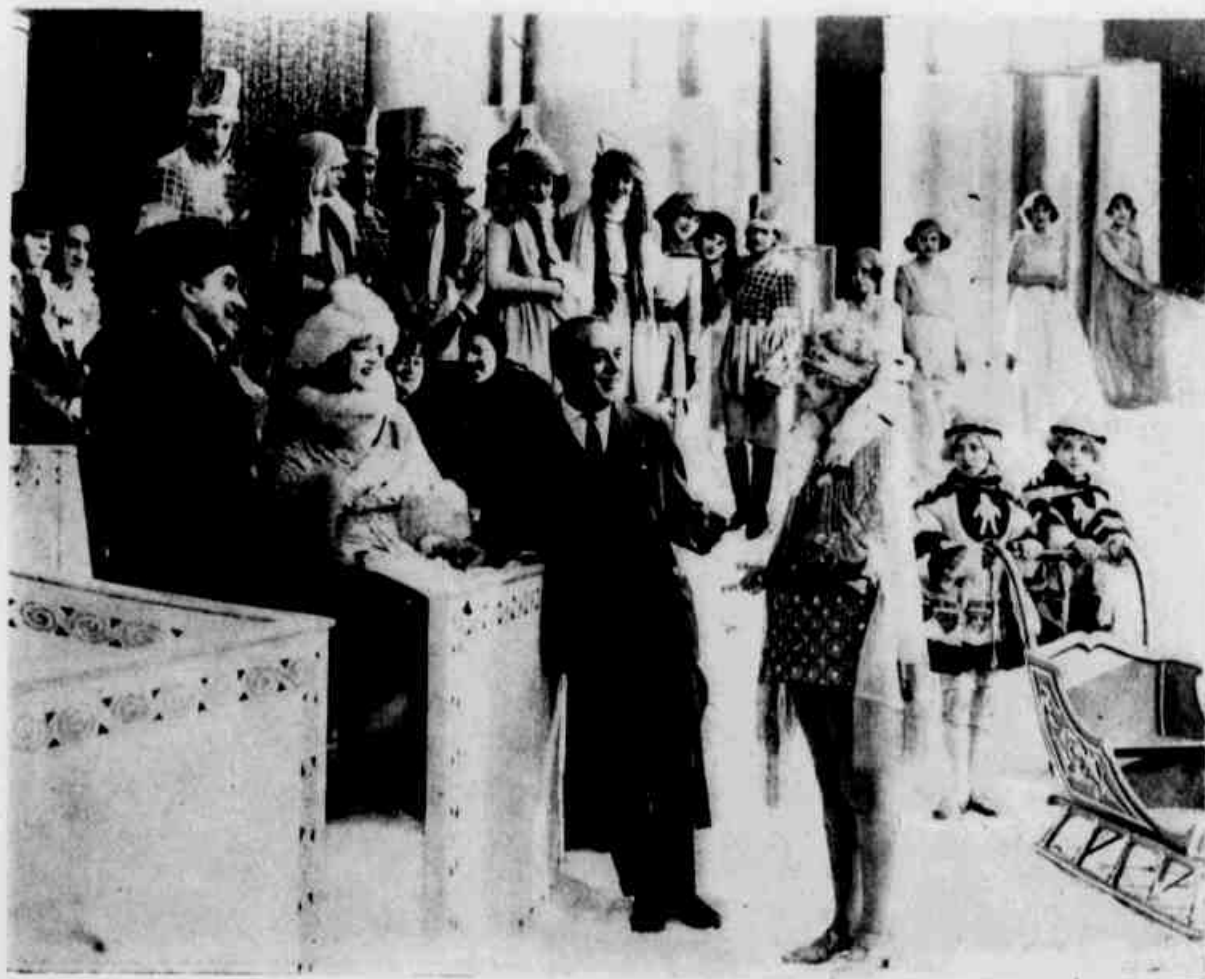
O scientista apanhou a phrase com vivo interesse. E tu não acreditas num céo ou numa vida futura ? inquiriu elle.

— Não acredito em nada, absolutamente, e é por esta razão que respondi ao teu annuncio.

— Mas tua familia ? arriscou elle hesitante.

E a moça declarou-lhe que se havia suicidado. Oh ! que elle não empalidecesse; o suicidio limitara-se a algumas peças de roupas deixadas á margem do rio e um bilhete dirigido á familia. A familia, de resto não perderia muito tempo em procurar encontrar o seu cadaver. Ella não era companhia lá muito agradavel, acreditava. O Dr. Dimitrius passeou algum tempo de um lado para outro, e em seguida falou:

— Eu não pensei que o meu annuncio pudesse ser respondido por ti. Sempre esperei receber uma dessas pobres *demi-mondaines*, cansadas de

(*Termina no fim da revista*)

E na festa do Carnaval Diana viu...

COMO ELLAS AMAM

(HOW WOMEN LOVE)

Film W. Bennett Prod. — Producção 1922

Direcção de KENNETH WEBB

DISTRIBUIÇÃO

Rosa Roma ... BETTY BLYTHE
Griffeth Ames ROBERT FRAZER
Dimitri Karvac Harry Sothern
Conde Jurka .. Henry Sedley
Ogden Ward .. Charles Lane
Sra. Torani ... Katherine Stewart
Jacobelli ...... Michaelangelo Salerno
A Sra. Nevins Julia Swayne Gordon
Natalia Nevins Gladys Hulette
Casanova ..... Templar Saxe

A vida de Rosa era uma especie de sonho...

— Com a tua voz e bellas joias, tu serás um "successo", dizia-lhe a Signora Torani, especie de mentor da moça, desde que te lembres apenas de uma coisa.

— Já sei, desde que não me deixe apaixonar por ninguem. Tu me tens repetido isso tanta vez, que já decorei a lição...

— Ah! menina, não caçôes... Para certos temperamentos o amor é um perigo, sentenciou a matrona, fazendo um gesto theatral. Não fosses tu filha de tua mãe.

Mas Rosa Roma, debruçada na amurada do navio contemplava embevecida o perfil dos arranhas-céos que se ia recortando no horizonte com maior nitidez, á medida que o navio se approximava da grande metropole.

Alta de porte e amaneirada, com dois bellos olhos petulantes, a accentuar o traço desdenhoso dos labios que trahiam a qualidade do seu temperamento, Rosa Roma era orgulhosa como toda mulher que se sabe bella, e isso explica o desapontamento com que elle verificava, duas semanas após a sua chegada, que ella continuava ignorada, a não ser dos criados da casa em que se alojavam, e via as suas parcas economias irem se escoando rapidamente.

Sim, Rosa tinha razão, concordava Carlota Torani, mas que não se preoccupasse, pois as homenagens a que ella tinha direito não tardariam. Naquelle mesmo instante iriam a Jacobelli...

— Jacobelli? atalhou Rosa, tu te referes ao homem que foi professor de minha mãe ha quarenta passados?

— Sim era elle mesmo, respondeu a outra; um velho, de facto, e tanto melhor assim, elle poderia ouvir-lhe a voz sem perder-se nos olhos da cantora, ao passo que um moço...

E pouco depois Rosa Roma era introduzida no aposento de um homemzinho de cabelleira longa, que a acolheu sem outras demonstrações que não fossem ás de um velho artista acostumado a ver desfilar diante da sua experiencia toda a sorte de aspirações justas e injustificadas. E a prova não tardou: Jacobelli sentou-se ao piano e o aposento encheu-se da voz vibrante e poderosa da rapariga, que com a mesma facilidade desferia os garganteios da Lucia di Lamermoor, as altisonancias da Tosca, acompanhando o velho maestro em tudo quanto lhe approuvesse experimental-a. Quando este se deu por satisfeito, voltou-se para ella e falou com franqueza:

— Voz não vos falta, mas não tendes alma, sentimento. Quando encontrardes isso sereis a maior cantora do mundo. O que precisaes... concluiu elle com certa seccura, é amor...

A velha Torani interveio sobresaltada: nada disso, nada de amor. A mãe de Rosa dera tudo ao amor, todas as mulheres da sua raça tinham morrido de amor.

— A mulher que não ama não vive, dogmatizava o velho professor, apanhando o telephone e pedindo uma ligação. E logo que esta lhe foi dada elle falou:

... Aqui é Jacobelli. Creio que fiz uma boa descoberta... que por si mesmo... conserve o phone no ouvido... E fazendo signal a Rosa para

Jacobelli sentou-se ao piano...

— *Meu anjo adorado!* — *murmurou Ames.*

que se approximasse do apparelho, Jacobelli voltou ao piano e disse-lhe que cantasse. Rosa cantou o preludio do Miserere e quando terminou, o professor foi de novo ao telephone e, em seguida, lhe communicava, esfregando as mãos de satisfeito:

— E' o Sr. Ward?

— Ogden Ward está encantado. Elle é o Todo Poderoso da Opera e se vos tomar sob sua protecção a vossa fortuna está feita.

Eu vos darei lições... de technica. Si eu fosse trinta annos mais moço, vol-as daria tambem de... amor. Dizem que eu era bom mestre nessa materia, eh, eh, eh!... riu elle com uma voz que era um crepitar de chammas quasi extinctas. Ward era forte e sanguineo, mas não — e isso Rosa percebeu logo — dado a amores.

Tinha duas grandes paixões — todos o sabiam — a musica e as pedras preciosas. Para obter uma boa voz para a Opera, de que era director, e um brilhante raro para a sua collecção, elle cobriria o lance do proprio Satanaz.

Por isso quando Rosa acabou de cantar de outra vez em sua presença, Ward tamborilou com os dedos sobre o *bureau* e falou-lhe:

— Raramente commetto um erro com as pedras; se encontro uma com a menor jaça, descarto-me immediatamente della. Só a perfeição me serve. E assim é com o resto com os cantores, por exemplo. Vós tendes uma voz que eu chamarei "sem sexo".

E' fina, scintilante e dura como um diamante.

Uma perfeição... no seu genero. Garanto-vos um futuro no mundo lyrico, mas devo impor minhas condições. A moça quiz saber quaes eram as condições e Ward estipulou:

— Não revelareis o vosso nome, não cantareis em publico e... não vos mettereis em nenhuma complicação sentimental.

Rosa Roma achou que a promessa era facil e o pacto foi firmado. A partir de então, Rosa Roma entregou-se de corpo e alma ao estudo, sob a direcção do velho Jacobelli. Este um dia convidou-a para ir á sua casa. Ella estava trabalhando muito e precisava de distrahir-se um pouco. No seu apartamento elle costumava offerecer uma chicara de café a camaradas e ella ali conheceria alguns typos interessantes — alguns artistas de valor, outros — bohemios da arte, mas tudo gente de espirito e de cultura.

Rosa foi, e mais tarde teve momentos de duvida sobre si o velho professor com o seu convite não premeditaria um encontro della com o joven compositor Griifeth Ames.

O resultado desse encontro foi tal, que quando ella regressava da casa de Jacobelli, a Signora Torani lhe perguntou:

— Quem é *elle*, cara mia?

A uma creatura como eu não se engana. Só um homem é capaz de derramar nos olhos de uma mulher a luz que vejo illuminar os teus.

Rosa procurou tranquilizar a sua mentora.

Ainda não estava apaixonada, o rapaz apenas a interessava, como um joven artista de valor e pobre. Ella estava resolvida a tomar umas lições com elle. E sem saber porque Rosa nessa noite teve vontade de ver as suas reliquias de familia. Foi á mala, tirou a caixa de joias e pozse a mirar os adereços, experimentando-os um a um — o collar, o *pendentif*, o annel, e o grande diamante, que ella applicou sobre o peito, contemplando no espelho os reflexos chammejantes que irradiavam da pedra em chispas azues e vermelhas.

— Como se chama isto, perguntou Rosa á Signora, que se persignou antes de responder:

— E' o coração da Virgem, respondeu a velha italiana. E depois, como que a contra gosto:

(*Termina no fim da revista*)

... sentiu que as duvidas sobre o merecimento do artista...

Uma nova estrella

LEATRICE JOY

Ahi está uma artista que com um bom papel em um grande film se impoz á admiração e ao apreço dos apreciadores do cinema.

Cecil B. de Mille é como Thomas Ince, um perfeito astronomo. A' sua conta, ou antes, á conta de sua perspicacia artistica corre a descoberta de *estrellas* como Gloria Swanson, Bebe Daniels, que sei eu?...

Elle lança a *estrella* depois de havel-a experimentado em differentes generos de papeis. E sua visão critica é tão notavel que não se conta uma

só artista que, trabalhada por suas mãos poderosas, não acabe por triumphar. Ahi temos o caso de Lila Lee, por exemplo: films sobre films fez essa interessante artista, deixando o publico indifferente. Cecil B. de Mille deu-lhe o papel de "Twenee" em *Macho e femea*, e Lila Lee, nessa figura da timida creadinha, rival da patroa, triumphou inesperadamente.

Leatrice Joy é hoje a sua creação. Dotada de recursos scenicos admiraveis, physionomia de grande mobilidade, Leatrice Joy fez o principal papel em *A Homicida* (ai! titulo! titulo!) e logo se fez uma celebridade. Reparem os leitores as tres expressões de Leatrice Joy nas gravuras desta pagina.

E' essa a ultima descoberta astronomica do famoso director de scena.

☆ ☆ ☆

The Master of Man é o primeiro film dirigido por Victor Seastrom para a Goldwyn. E' a ultima novella de Hall Caine, coroada como as anteriores por grandes successo.

Maurice Costello é o cynico do film *Fog bound*, da Paramount, com Dorothy Dalton no principal papel.

☆ ☆ ☆

Sangue e areia alcançou enorme exito no Japão.

☆ ☆ ☆

Estelle Taylor vae representar um papel em *Children of Jazz*, da Paramount, que estava destinado a Nita Naldi.

CARTAS DA CALIFORNIA

CASAMENTOS E DIVORCIOS — ARTISTAS D'ALÉM MAR

Um dos assumptos que mais preoccupam a gente daqui, quer a que trabalha propriamente na confecção dos films, quer esses chamados *ratos de studio*, jornalistas, reporters, gente de imprensa, emfim que assedia os artistas procurando saber de todos os pormenores de sua vida, escarafunchando-lhes os negocios, os sentimentos, as affeições, as amizades, as zangas, os namoros, os casamentos, a paz domestica, tudo, tudo emfim, com uma indiscreta curiosidade de causar dó e fazer raiva a um tempo, é o que se relaciona com os casamentos e divorcios entre gente da tela.

Toda gente se recorda de como Douglas Fairbanks e Mary Pickford se esforçaram por fugir á curiosidade desses reporters, negando a pés juntos até em vesperas do seu consorcio, que em tal pensassem.

Os *potins* agora se formam em torno de Carlito e Pola Negri, os dois celebrados artistas que noivaram faz pouco, conforme declaração de ambos.

Todos os dias as columnas consagradas ao cinema nos jornaes locaes trazem algo de novo a respeito.

Ora, é o noivado que se desmancha.

Ora, um arrufo da linda polaca que deixou de fazer um passeio de automovel combinado com Carlito.

Ora, uma declaração deste de ser muito pobre para se casar com Pola...

Charles Chaplin

Pola Negri

Ora... para que repetir tudo quanto se diz a respeito do famoso par? Pola Negri parece não ter entrado em Los Angeles com o pé direito. O ciume das collegas começou logo a hostilisal-a. Guerra de mulheres, guerra de alfinetes. Gloria Swanson é a maioral, a cabeça da conspiração contra a *estrangeira*.

Pola Negri acolheu essas primeiras manifestações com o mais soberbo desdem, desdem que aliás ella não deixa de revelar por todo o mundo cinematographico que não lhe rende as homenagens a que se julga com direito.

Habituada a ser tratada com o maximo respeito e consideração pela disciplinada famulagem dos *studios* prussianos, reverente a todas as hierarchias, Pola Negri não quiz ou não poude se afazer aos habitos democraticos dos *studios* americanos em que mais ou menos todos se tratam como camaradas.

Os seus ares de grande dama desagradaram profundamente a gente de cinema, dos *cameramen* aos mais humildes operarios.

Os dois...

E contava-se com indignação mesmo o caso do *chauffeur* que a conduzia e que muito naturalmente lhe fez uma pergunta qualquer recebendo em resposta um olhar de rainha offendida e o prazer de vel-a pelas costas.

Dahi essa gente toda se collocar ao lado da elegante Gloria de esplendorosas *toilettes*, achando que ella estava carregadissima de razões quando queria gatos por todos os recantos do *studio*, gatos que a artista polaca queria ver esfolados para não lhe encherem de pello as roupas e os ouvidos de miados freneticos nas noites de luar californiano, tão parecidas com as do nosso Brasil. Carlito, porém, tinha andado pela Europa. Fôra em toda parte recebido como triumphador. Em Berlim fôra apresentado a Pola Negri; com ella fizera franca camaradagem, retratando-se juntos até.

Carlito fez-se o cavalheiro servente da ex-condessa Dombska, seu companheiro de excursões, seu introductor diplomatico, seu *cicerone*.

E elle, a quem davam uma noiva por mez, desde que se divorciou de Mildred Harris, não tardou muito que não se falasse do seu namoro com a famosa interprete de *Madame Dubarry*, o unico film allemão, diga-se desde logo, que obteve nesta terra um grande e real successo, tanto artistico

como financeiro. Fosse como processo de reclame, pois que nos Estados Unidos tudo, até o casamento serve de reclame, fosse que na verdade cultivassem ambos idéas matrimoniaes, o caso é que a noticia appareceu, commentarios se fizeram, avolumaram-se sem que fossem oppostas mais que frageis negativas, de parte a parte.

A Carlito lisonjeava de certo que o dessem por noivo daquella linda mulher que viera revolucionar o meio cinematographico norte-americano.

A' artista polaca, sagacissima, de uma intelligencia vivaz, muito acima do commum, não escapou de certo que esse era o melhor meio de se occuparem de sua pessoa, já por seu valor, prestigio e merito, já como reflexo da fama e do prestigio do celebre comico de universal renome.

Teria o perigoso brinquedo tido consequencias, se é que era brinquedo ?

O caso é que Pola e Carlito já se declararam noivos officialmente.

Para quando as bodas ? Isso é que nenhum delles sabe.

Pola concluiu *Bella Donna* e está fazendo *The Cheat*, aquelle mesmo enredo que annunciado como trabalho de Fanny Ward, no galarim da fama então, serviu para lançar Sessue Hayakawa, o estupendo mimico japonez, que conseguiu á custa do seu esforço e do seu talento arrombar as muralhas dos preconceitos de raça, tão vivazes aqui no sólo da California, conquistando uma posição invejavel na scena muda *yankee*.

Carlito concluiu o seu ultimo film para a Associated First National Pictures, está dirigindo sua ex-*leading-woman*, a loira e linda Edna Purviance, no seu primeiro trabalho como estrella. Ao mesmo tempo, diz-se, prepara o seu primeiro film para a United Artists, uma producção gigantesca, em dez rolos, super-extra como por ahi se diz, capaz de fazer *pendant* com os do seu associado Douglas Fairbanks.

Viola Dana jogando o "base-ball" na praia, antes do banho.

Uma scena de comedia Sunshine

Dahi não terem tempo mesmo para cuidar no casorio, se é que casorio tem mesmo de haver.

E' em torno desse casamento que se ceva a curiosidade da reportagem, muito mais indiscreta nesta terra e neste meio do que em qualquer outro logar do Universo.

Mesmo porque aqui os artistas outra coisa não fazem senão noivar, casar e divorciar. Raros, e esses são apontados como excepção, os que jámais desmancharam os nós do matrimonio.

A famosa Gloria, que dirige a batalha contra Pola, por exemplo, já se casou duas vezes e outras tantas se separou do marido Pauline Frederick, que acaba de escapulir para o palco, dobrou esse numero. Rodolph Valentino conta que só passou *oito horas* em companhia de sua primeira esposa, Jean Acker, as oito primeiras horas depois do *conjungo vobis*... E assim por deante.

Já tenho ouvido reflexões indignadas aqui na California contra os falados casamentos a prazo dos japonezes. E' o caso do argueiro e da trave. Mas... o caso de ciume dos artistas americanos contra os estrangeiros, no caso de Pola, vae se exacerbar naturalmente com a vinda de outros. E' Margaret Leahy, ingleza, que veiu com as Talmadge; Carlos de Rochefort ou de la Roche, francez, importado pela Paramount para substituir Valentino; Andrée Tourneur, linda parisiense, que vae "posar" *Trilby*, o famoso romance de du Maurier, que toda gente leu e outros e outros.

Em tempos, Max Linder que teve de luctar aqui com a má vontade de toda gente, lançou um brado de alarma contra essa barreira que se queria levantar contra os que buscavam as plagas americanas para trabalhar no cinema. Agora, parece que é do interesse das grandes emprezas que buscam fugir aos regios con-

AGNES AYRES

UMA SCENA DO FILM "PRODIGAL JUDGE", DA VITAGRAPH, COM JEAN PAIGE

tractos que as *estrellas* lhes tentam impor, que vão buscar fóra os elementos para a confecção dos seus films.

Bom será, porque, internacionalisando-se o elenco, ha de se internacionalisar tambem o argumento. E bem que o film americano precisa desse sangue novo nos enredos que se habituou a filmar. A quantidade de films banaes, que é espantosa, dessa fórma tenderá a diminuir e com isso só lucros terá essa industria formidavel, que hoje tão grande logar occupa nas actividades dos Estados Unidos. — Los Angeles, Fevereiro, 1923. — *Celso Arpino.*

☆ ☆ ☆

A Paramount distribuirá no Brasil as duas ultimas comedias de Harold Lloyd — *Safety Last* e *Dr. Jack.*

COMO ELLAS AMAM

(*Fim*)

— De todas as joias de tua mãe, é a mais famosa, proseguiu ella. Dizem que pertenceu a uma rainha depois de pertencer a uma cortezã. Ha uma lenda a seu respeito, que diz ella toma a cor de carmin, quando é usada por um coração sem fé. Mas, pelo amor de Deus; minha filha, deixa isso! Essa pedra traz desgraças. Tua mãe a trazia na noite em que foi morta pelo seu ultimo apaixonado.

Rosa escarneceu: tinha graça deixar-se ella impressionar por historias de velhas supersticiosas... Se, entretanto, ella pudesse ter ouvido a conversa que naquelle mesmo momento se travava em outro ponto da cidade, talvez fosse outra a sua opinião sobre as "historias das velhas supersticiosas".

— Temos a certeza de que o "Coração da Virgem" está neste paiz, dizia o conde Jurka ao rapaz de feições pallidas e sentimentaes que tomava absintho com elle na mesa do café. Os agentes de Ward na Europa telegrapharam que ha pouco uma cantora que partiu da Italia para os Estados Unidos, trouxe-a com outras joias que pertenceram a sua mãe. Ward pagará tudo para metter essa pedra na sua collecção.

Agora, se nos pudermos descobrir o diamante, talvez não seja preciso *compral-o*, hein?

O outro meditou e observou:

— E se eu não estiver mais disposto a figurar nos teus negocios sujos?

— Nessa hypothese, Dimitri Karvac, eu deixarei de me interessar pelo caso de tua irmã Sophia, presa como revolucionaria lá na minha Bulgaria.

Vamos! meu amigo. Não é muito o que te peço. Morando com um compositor, tens a facilidade de entrar em relações com as cantoras.

O resto é facil, se tens escrupulos em mafal-a faze-te amar por ella, apanha a gemma e eu dividirei comtigo o que me der Ward.

Quando Rosa Roma foi ao sotão em que morava Griffeth Ames para as lições que havia combinado, quasi não se apercebeu da presença daquelle joven silencioso que entrava e sahia como uma sombra.

Ames lhe explicou: era o seu companheiro de quarto, excellente rapaz, mas exquisito. A senhorita Marcella — nome que Rosa Roma dera ao joven artista, lembrando-se do compromisso com Ward — fazia progressos visiveis, affirmava-lhe o professor. Os seus progressos, todavia, eram mais visiveis em outro terreno, no qual ella não revelava a mesma boa memoria quanto ao pacto assentado com o director da Opera.

A vida de Rosa era hoje uma especie de sonho dulcissimo, illuminado pela imagem de Ames.

As unicas horas que realmente para ella contavam, eram as que ella passava no modesto quarto do artista.

Certo dia elle fazia annos, e ella pensou em surprehendel-o, preparando-lhe uma ceiazinha de sandwiches, fructas e do infallivel bolo de anniversario que ella propria fizera. A' mesa coquettemente arranjada no quarto do rapaz, Rosa aguardava a sua chegada. De repente a porta abriu-se e, em logar de Ames, ella viu surgir de physionomia transtornada e má, a figura de Dimitri Karvac, a fital-a com a mesma gula e voracidade no olhar, com que um faminto olharia para um prato de comida.

Rosa traduziu a sua indignação por aquella intromissão, medindo o intruso com olhar altivo e severo. Mas o rapaz avançára para ella, estendera o braço, e com olhar estranho parecia fitar alguem que estivesse entre Rosa e elle, alguem *que ella não podia ver*.

— Sophia! tu me appareces com flores colhidas em *seus* tumulos... balbuciava elle.

Rosa sentiu um calefrio percorrer-lhe as veias. Parecia-lhe tambem quasi ver a pessoa a quem elle falava uma figura delicada de moça, trazendo nos braços um apanhado de flores silvestres, a fitar o rapaz muda e anciosa. Rosa apavorada com a extranha scena, arrojou-se do aposento, vendo com grande allivio ao seu medo que o rapaz não a seguia. Pouco depois Ames fazia-a repassar as suas escalas, dizendo-lhe que havia escripto uma opera que seria representada numa festa de caridade, organisada em sua casa de campo, por uma rica dama da sociedade.

Era uma boa opportunidade para ella se exercitar em publico. A moça acceitou a proposta, e quando a velha Torani soube ficou desolada.

— Tu estás arriscando o teu futuro, Rosa, o Sr. Ward póde saber que tu quebraste o contracto. Mas Rosa, já então absolutamente dominada pela mysteriosa influencia dos sentimentos que lhe havia inspirado o joven compositor, tinha a resolução firmada. Assim na noite da festa, sentada ao lado de Ames, no pobre aposento, Rosa sentia que as duvidas sobre o merito do artista se lhe tinham apagado do espirito, e foi em estado de verdadeira excitação que ella collaborou na obra do seu companheiro.

Pela primeira vez na vida sentiu que não cantava para si mesma e sim para enriquecer as melodias que elle havia composto. Mais tarde quando de volta ao seu apartamento, o sonho de Rosa persistia e das profundezas do seu espirito subiu-lhe aos labios a confissão magnifica.

— Oh! como eu o amo!...

E estas palavras murmuradas em voz alta, como que lhe exaltaram mas ainda a paixão e ella sentiu que não poderia dormir sem falar, sem ver a Griffeth. Correu ao telephone e chamou o artista. Que elle visse, ella estava só, viesse fazer-lhe companhia. E como Rosa deixasse o phone, a campainha da porta tilintou, quebrando o silencio da casa.

Elle hesitou um momento e depois foi abrir. Ogden Ward, o director da Opera, entrou, e a expressão do seu rosto dizia eloquentemente dos sentimentos que o animavam. Sem outra qualquer consideração elle poz-se a increpar-lhe a quebra do contracto, cantando em publico; elle estava presente á tal festa e tudo vira. E pretendia continuar a sua objurgatoria, mas Rosa o interrompeu, arrancando num gesto brusco as joias que a adornavam e atirando-as aos pés do homem.

— Aqui tem! bradou ella, creio que isso pagará de sobra as despezas que fez commigo! Não vê que eu não sou a mesma, a creatura fria, egoista, sem alma que assignou o malsinado contracto com o senhor? Olhe bem para mim! Ward olhava, de facto para Rosa; a mulher pareceu-lhe outra, scintillante, extraordinaria. Elle avançou, tomou-a nos braços e beijava-a com soffreguidão, emquanto a moça se debatia procurando desvencilhar-se do seu contacto. Nesse momento ouviu-se um barulho e Rosa viu Ward rolar a seus pés e o vulto do homem que viera em seu auxilio, figura estranha e pallida, como um cadaver, com uma chamma febril nos olhos. Ella viu o individuo abaixar-se, apanhar as joias que tinham ficado no chão e desapparecer novamente pela janella, dizendo cousas esquisitas, dentre as quaes ella ainda pôde distinguir: "ellas não são na realidade tão bonitas como as tuas flores, Sophia."

Rosa desmaiou e quando abriu novamente os olhos encontrou ao se

lado Griffeth Ames, angustiado a pronunciar-lhe de mansinho o nome. Ao lado, cambaleante, agarrando-se á mesa, Ward falava entrecortadamente :

— Eu não sei o que foi ! Uma cousa que me feriu. Ai ! creio que tenho a cabeça partida... Foi você, seu patife, mas a policia ha de apurar o caso...

— Não foi elle ! falou uma voz da porta. Todos olharam e Dimitri Karvac, verdadeiro cadaver se não fosse o movimento dos labios que tartamudeavam cousas inexpressivas, apparecia ladeado por dois agentes de policia. Depois todos ouviram o que elle disse :

— Eu estava na chaminé a espera de poder roubar-lhe as joias, mas quando eu o vi... e Ward empallideceu vendo o dedo do homem apontado na sua direcção — querendo beijal-a á força, esqueci no momento que era um ladrão e derribei-o com uma cadeira. Depois apanhei as joias... e dizendo isso tirou-as do bolso, — porque era preciso salvar minha irmã. Mas quando cheguei ao *studio* onde devia entregal-as a Jurka, encontrei um telegramma dizendo que minha irmã fôra morta já ha mezes por ordem de Jurka. Então eu matei o miseravel e dirigi-me á policia e voltei para restituir as joias...

Os policiaes levaram o desgraçado, e Ward, na ponta dos pés, procurava sahir de mansinho, como si a sua presença ainda fosse notada pelos dois jovens.

— Meu anjo adorado ! murmurou Ames, respirando-lhe o perfume dos cabellos negros... Sei... sei... todo o sacrificio que fizeste por minha causa... Mas Rosa poz-lhe o dedo nos labios :

— A palavra sacrificio não existe, meu querido, murmurou ella, quando a mulher ama...

NO FUNDO DO MAR

(*Fim*)

atastando-se cada vez mais dos seus perseguidores, até que alcançou o costado do *Shantung*, onde foi recolhida.

Alguns dias mais tarde, Parrish e seus companheiros chegavam á ilha fabulosa. Já ali os havia precedido a *Calliope*, cujos homens se esforçavam inutilmente na descoberta do myrifico thesouro.

A *Shantung* lançara ferro e Parrish procurava localisar o thesouro, quando as duas raparigas soltaram uma exclamação, apontando para o interior da ilha: era o esqueleto de uma baleia no topo de uma collina.

Parrish espantou-se: como teria ido aquillo parar ali?

— Eu sei, — interveiu Chang; — *ilha um dia foi montanha de fogo. Muito telemoto levanta fundo de má até en cima de molo. Pode sê tesolo tá lá tambem.*

Parrish achou plausivel a explicação e resolveu descer á terra com os seus companheiros, para explorar a collina. Pelo caminho ia encontrando signaes evidentes de que aquelle terreno fôra em tempos idos leito do oceano.

Ao chegar ao topo da collina, junto ao esqueleto da baleia, os exploradores descobriram o casco de uma galleota hespanhola.

— E' com certeza o navio que levava o thesouro! — exclamou, excitada, Bessie.

E os trabalhos começaram com ardor. Tão entretidos estavam na tarefa que não se aperceberam de que Carrol, tendo avistado a *Shantung* ancorada e os seus tripulantes em terra, fizera armar os seus homens e desembarcar, disposto a disputar a posse da riqueza com a sua e a vida dos seus.

E quando os homens de Parrish conduziam para bordo parte do thesouro achado, Carrol, com a sua gente, tomou posição e deu inicio ao ataque. Dentro em pouco estava empenhada uma verdadeira batalha.

Parrish fez conduzir as duas mulheres para uma gruta, procurando pol-as ao abrigo da selvageria dos adversarios, e voltou a tomar a frente dos seus homens.

A lucta desenvolvia-se com alternativas para os dois partidos. Em dado momento, Carrol descobriu o refugio das duas raparigas e conseguiu arrebatal-as, ordenando que ellas fossem levadas para a *Calliope*. Bessie desmaiara e foi facilmente transportada num bote para o barco pirata. Carmen, entregue á guarda de John, o seu apaixonado, conseguiu, mais uma vez, seduzil-o e arrastal-o para o *Shantung*. Carrol correu atraz de Carmen, ao mesmo tempo que Parrish abordava a *Calliope*, como um doido, em procura de Bessie, que havia sido encerrada num camarote.

Procurando-a em vão e acreditando que ella ali não estivesse, elle deliberou atear fogo á embarcação dos bandidos.

Quando se afastava do barco em que já lavravam as chammas, foi atacado pelos inimigos, e, no decorrer da lucta, elle viu Bessie apparecer na *Calliope*, bradando por soccorro.

Subjugando alguns dos seus atacantes e desvencilhando-se dos outros, Parrish voou ao navio em chammas e arrebatou a moça, remando para o *Shantung*. A bordo deste, Carrol, num camarote com Carmen, convidava-a a celebrar a victoria alcançada sobre Parrish e os "seus chinezes", offerecendo-lhe o copo em que John servira bebidas.

Carmen, porém, recusou-se e isso foi o bastante para enfurecer o homem, excitado pelo alcool e pelos seus instinctos bestiaes. Proferindo ameaças, Carrol levantou-se, e Carmen, comprehendendo as intenções do homem, aproveitou-se da curta ausencia que elle fizera do aposento, e derramou uma dose de veneno no copo delle. Quando o bandido voltou, prompto para pôr em execução os seus planos de violencia lubrica contra a pobre mulher, John gritou:

— Lá vem Parrish!...

Carrol estremeceu e lançou um olhar feroz para Carmen.

— Miseravel, tu me trahiste! Preparaste esta cilada para mim. Mas eu te ensinarei.

E levantou a arma para atirar. Carmen, entretanto, gritou, empurrando-o para traz:

— Tu não ensinarás ninguem, porque no copo que acabas de esvasiar bebeste a tua morte.

O homem sentiu o primeiro espasmo do veneno que começava a actuar. Cambaleou, apoiou-se á mesa, mas, antes de cahir, detonou o revolver. O tiro partiu e Carmen, com um gemido, rolou por terra.

Nesse momento, Parrish appareceu á porta e assistiu ao final daquella tragedia. Pouco depois elle subia ao convés, pois os seus homens haviam anniquilado o bando de Carrol e terminavam o transporte, para bordo, do thesouro encontrado. E não se passava muito tempo e a ilha fabulosa sumia-se no horizonte, levando Parrish comsigo um thesouro mais precioso do que o que ella lhe dera — o amor de Bessie.

Aqui a nossa historia volta ao ponto em que deixámos Parrish no seu quarto de San Mateo, de pé junto da mesa, a abrir o enveloppe do seu manuscripto devolvido, quando o vimos embarcar nas extraordinarias aventuras narradas na sua novella.

No enveloppe vinha uma carta do editor:

"*Meu caro sr. Parrish. — Temos*

immenso desejo de publicar o seu romance "No fundo do mar". Todavia somos de opinião que a scena em que Carmen envenena o capitão Carrol é por demais melodramatica, e nós..." .

O rosto de Parrish illuminou-se num sorriso. Apanhando o chapéo e tendo na mente a imagem de Bessie, filha do seu visinho Carrol, senhora do seu coração e que por isso elle fizera heroina da sua novella, o joven escriptor sahiu com a alma em festa pelo seu triumpho, dirigindo-se á casa de Carrol, onde deveria jantar naquella noite.

Quando Parrish entrou e annunciou a nova de que sua novella ia ser publicada, Carrol agradeceu-lhe a gentileza de escriptor, fazendo-o a elle, Carrol, e a alguns dos seus amigos, um bando de scelerados. A risada foi geral. Bessie, que entrava na occasião, felicitou vivamente o rapaz, e Parrish e este lhe perguntaram se ella não acceitaria em concluir o romance como o enredo deixava prever. Bessie corou, não de pudor, mas de satisfação, e deu-lhe os labios a beijar.

A JOVEN DIANA

(*Fim*)

soffer, ou cousa equivalente. Porque a experiencia é perigosa, talvez fatal... Tu és ainda moça, 38 annos apenas... A vida póde ainda reservar-te muitas alegrias. Pensa bem esta noite e amanhã voltaremos de novo ao assumpto.

— Que me importa a vida, Jan Dimitrius. Olha bem para mim. Desde aquella manhã em que tu me levaste a ver o homem que eu amava a rodar num automovel em companhia da minha melhor amiga, acreditas que alguma cousa me reste ?

Na manhã seguinte, Diana achava-se tão resolvida como na vespera a se prestar ás experiencias do scientista, e pediu-lhe algumas explicações sobre o que se ia passar. O Dr. Dimitrius chamou um negro gigantesco, fel-o mover uma pesada alavanca, e Diana viu, na caverna que se abriu a seus pés, uma enorme empola de luz. Nisso o Dr. Dimitrius afastou o toldo que cobria a grande lente collocada no tecto, e uma enorme irradiação projectada pelo prisma de baixo, tremeu no espaço, palpitando como um coração.

— Eu chamo a isso os "Raios da Vida", falou o Dr. Dimitrius. Creio com toda a convicção que elles restituem a mocidade aos que soffrem sua acção.

Diana riu; que faria ella da mocidade ? Sua voz, entretanto, trahiu a agitação causada pela revelação que o scientista lhe fazia. Que mulher não sentiria o seu coração precipitar-se, ao pensamento de se tornar moça e bella outra vez ? Não foi, certamente, senão esse o recondito motivo que impelliu Diana a prestar-se immediatamente á experiencia.

E durante tres dias e tres noites Dimitrius permaneceu sentado no seu laboratorio acompanhando a acção dos "Raios" sobre aquelle corpo apenas envolto em tenue toalha de linho e estendida sobre uma mesa de ferro.

No lento escoar daquellas horas o scientista percorreu toda a gamma da anciedade. Aquelle corpo que ali estava era o da mulher que elle amara nos outros tempos, quando as desillusões ainda não haviam feito delle a machina que era agora. Que aconteceria se elle visse a creatura que na vespera lhe chegara, pallida, desfeita, enrugada, resurgir como outr'ora, loura, fresca e rosada, escrinio de graças e perfeições. E si elle a matasse naquella experiencia ? Mas o termo da operação chegara. Dimitrius, preso da mais funda emoção, approximou-se da mesa e, depois de hesitar um instante, arrebatou o sudario que envolvia a paciente. E seus olhos, sua bocca, seu corpo e seu espirito ficaram extaticos, tocados de absoluta paralysia : ali estava Diana May, a Diana May de outr'ora, resplendente na sua belleza, na pureza das suas linhas, na harmonia das suas fórmas ! E quando Diana voltou a si da profunda lethargia que lhe haviam communicado os effluvios dos "Raios da Vida", o Dr. Dimitrius deu-lhe um espelho e ella exultou, tanto quanto o scientista, com o resultado da experiencia. Nada mais restava a Dimitrius do que communicar ao mundo a sua maravilhosa descoberta, mas antes disso elle desejava Diana gosasse sob as vistas delle, o seu Creador, todos os prazeres que o rejuvenescimento lhe restituia. Pouco depois partia com ella para Paris, e a installava principescamente na grande cidade do luxo e do prazer. Quando Dimitrius entrou nos aposentos de Diana, naquella primeira noite em que devia leval-a á Opera, não poude occultar o seu assombro, tal era o encanto, a perfeição da sua obra. Sentia que ultrapassara as suas proprias esperanças.

Diana, porém, observou-lhe, ao ouvir as suas exclamações, que infelizmente elle só a havia remoçado no corpo, no espirito deixara-a tão velha como ella se achava antes da prova.

Dimitrius protestou : não era possivel, ella estava brincando.

Mas a moça reaffirmou :

— Sinto-me tão fatigada, não no corpo, mas na alma, que não vou ao theatro. Quero ficar ao canto da "chaminé", sósinha com os meus bellos pensamentos, companheiros de 15 annos de tristezas.

Dimitrius exaltou-se: aquillo não era possivel, seria arruinar toda a sua *chance*. Elle lhe affirmava que havia triumphado integralmente na sua obra. Depois abrandando a voz, supplicou-lhe que ella fosse á Opera, só depois disso poderia avaliar o que elle fizera.

Diana afinal accedeu, e naquella noite os artistas podiam ter cantado uma oitava a baixo, que os espectadores não dariam pela coisa, fascinados ante a apparição deslumbrante, que do alto do camarote irradiava belleza como o sol irradia luz. E desse dia em diante, no Bois, nos boulevards, nos theatros, em todos os logares elegantes aquella mulher extraordinaria era sempre vista, provocando um murmurio de admiração á sua passagem. Só no primeiro mez lhe chegavam dezesete propostas de casamento. Diana confessava a Dimitrius que tudo aquillo a enchia de immenso tedio.

— Tenho a alma doente de tudo isso, Jan. Aqui dentro — e ella batia no peito — é tudo sombra e névoa.

Quanto tempo durará ainda essa ironia de mocidade?

— Até depois do carnaval, respondeu Dimitrius.

Elle tinha a ultima carta a jogar, antes de dar por perdida a partida. Certamente essa cartada transformaria a derrota em triumpho.

E na festa do Carnaval, Diana viu, entre os admirados que a rodeavam, Ricardo Cleeve. Já pelos seus quarenta annos, um pouco agordalhado, sanguineo, o homem ainda fazia bella figura no seu uniforme de official de marinha.

— Diana! exclamou elle, tu não mudaste em todo esse tempo! Santo Deus! Como é possivel?! Anna agora...

Diana fitou aquelle rosto que ella havia amado, ouviu a voz que tanta vez a fizera estremecer, e admirou-se de não sentir a menor impressão naquelle momento.

Era extraordinario como não experimentava o menor sentimento de odio por aquelle homem que tanto mal lhe causara...

Ricardo não a deixou mais o resto da noite, perseguindo-a com as suas declarações de amor e propostas de reatarem uma vida de venturas

que elle commettera a estupidez de desprezar.

O dia já clareava quando Diana fechou sobre si a porta do seu quarto.

Vendo aquella imagem que se reflectia no espelho collocado na parede opposta, Diana teve a sensação que aquella não era ella e sim uma outra: ella estava cansada, exausta, saciada de amor, do prazer e da vida.

— Cansada da vida, — pronunciou ella em voz alta, e sentiu que um frio de morte lhe percorria as veias.

O peso da belleza e da mocidade era insupportavel!

Diana se encaminhou para o seu *bureau* e tirou da gaveta qualquer coisa que brilhou á luz esmaecida da alvorada...

Ouviu-se um forte barulho de coisas que se quebram.

Diana May abriu os olhos e embebeu-os no rosto de Ricardo Cleeve que se inclinava sobre ella.

Mas não era o Ricardo Cleeve que dansara com ella, gorducho e cheirando a fumo.

— Receio que tenhas ficado zangada hontem á noite, queridinha, murmurava-lhe elle, mas eu não te podia explicar a razão por que partia, pois a esquadra recebera ordens de zarpar em absoluto segredo. Hoje de manhã o meu desespero era infinito, mas felizmente tivemos logo ordem de voltar. Assim podemos nos casar hoje, como haviamos combinado, concluia Ricardo com carinho na voz.

Diana mirava o seu amado enlevada, mas o sonho persistia. E numa voz distante ella pronunciou:

— Lady Anna... Eu te vi de carro com ella naquelle dia, tão longe já...

— Tão longe? repetiu Ricardo. Mas foi hontem, meu amor. Tu dormiste a noite toda neste sofá e ainda não despertaste completamente.

Sim, Lady Anna, soube das ordens sobre a esquadra; ella havia se casado secretamente com o commandante do navio capitanea ha coisa de uma semana, e pediu-me que a levasse para dizer adeus a seu marido.

Diana respirou, então, profundamente.

— Ah! meu amor, tu és moço, eu sou moça, nós somos moços ainda, não é verdade?

— Sim, anjo meu, somos moços, na verdade, e tu não terás nada a oppor que envelheçamos juntos.

— Juntos! suspirou Diana reclinando sua cabecita dourada no hombro vigoroso do official.

Juntos!... Sim, eu penso que ha de ser tão bom, ficarmos velhinhos juntos, bem velhinhos, bem juntinhos...

ORPHÃO E JUIZ

(Fim)

Danny olhou para o homem e, da mesma fórma que havia presentido que aquella dama era um typo de mãe, sentiu que aquelle homem nada tinha de pae.

O homem grunhiu umas coisas pouco amaveis, mas Danny foi levado e ficou encantado com a sua nova existencia naquelle sobrado, por cima da loja de bombeiro, onde Edward trabalhava, quando não estava embriagado ou fazendo por isso.

Danny, espirito precoce e vivo, teve a noção exacta de que sua mãe adoptiva não era feliz.

Um dia, elle lhe perguntou isso, e a boa creatura respondeu evasivamente, affirmando que, desde que elle viera para sua companhia, ella era a mulher mais feliz deste mundo. Mas Danny conhecia o marido de sua querida mãezinha. Não era elle proprio uma victima daquelle homem bruto?

A principio, Eward limitara-se a tratal-o com rispidez de maneiras, mas, com o correr dos dias, a coisa foi das palavras para a acção, e quantas vezes o pobre Danny não teve de enxugar os olhos e occultar os signaes das pancadas que recebia, em baixo, na loja, para não affligir sua mãezinha querida!...

Isso pouco lhe importava, porém. O que o atormentava era saber que até necessidades ella passava, em companhia daquelle homem que a maior parte do tempo cosinhava bebedeiras.

— Ah! se eu já fosse grande! — costumava pensar Danny.

E, naquelle dia, elle pensava em praticar desde já o officio de bombeiro, pois aquelle negocio era facil, e assim ganhar dinheiro para mamãe, quando entrou na loja um freguez, procurando pelo bombeiro, para um serviço urgente: soldar um cano que se furara numa casa ali ao pé.

Danny correu a prevenir Mary Lee, mas esta disse-lhe que não acordasse o marido que estava fatigado — maneira delicada de procurar esconder ao pequeno o verdadeiro motivo daquelles somnos diarios, com o sol a pino.

Danny não podia concordar que se perdesse um freguez quando o dinheiro era tão necessario naquella casa.

E como sua mãe adoptiva se retirasse, elle resolveu accordar o homem. Antes não fizesse porém, porque Edward mandou-o longe com um repellão violento. Não havia tempo para chorar, era preciso ganhar aquelle dinheiro que se offerecia. E Danny não hesitou: metteu-se nas calças de trabalho de Edward, dobrando-a muitas vezes, até os joelhos, desceu á loja e apanhou a bolsa de ferramentas, pondo-a ás costas com grande esforço. E, quando se achou em ordem de marcha, Danny falou para o individuo que viera chamar o bombeiro:

— Eu vou soldar o tal cano. O patrão sempre deixa esses serviços para mim.

O individuo pensou que o garoto estivesse brincando; era, com certeza, o ajudante mandado na frente pelo bombeiro.

Danny tomou o automovel que viera buscar o bombeiro e, pouco depois, descia deante de um impressionante palacete, e era encaminhado para os fundos da casa. A adega do palacete era grande como uma egreja. De canto a canto jorrava um esguicho d'agua. Danny sentou-se sobre o sacco de ferramentas e poz-se a *matutar*. Uma tentativa para tapar o buraco com um pedaço de pau e outra com um lenço não deram resultado. O negocio estava difficil, pensava Danny, quando lhe pareceu ouvir uma voz a lastimal-o. Voltou-se: era Swipes, o cão do bombeiro, que, desde o primeiro instante que vira o pequeno chegar á casa, tomara-se da mais fiel amizade por elle.

— Você me acompanhou, meu *nêgo*. Olha, senta ali naquella caixa e fica quietinho, sem latir. A gente desta casa pode não gostar de você aqui.

E, sentado onde lhe havia sido indicado, Swipes observava o seu amiguinho a tirar um martello da bolsa e depois martellar o cano. Não era assim que o bombeiro fazia?

Dez minutos depois, quando o creado desceu á adega para ver como ia o serviço, quasi desmaiou de horror, vendo o subterraneo transformado num verdadeiro lago, sobre o qual vogava um caixão conduzindo o garoto, que gritava contente, esquecido da sua metamorphose anterior em bombeiro:

— Arreda, que lá vae o submarino!

Emquanto isso, encarapitado noutro caixão, Swipes ladrava, não gostando nada da brincadeira.

O *submarino* de Danny vogou até á escada, e elle não tardou a ser co-

lhido pelo creado, que o levou pendurado pela camisa, com os braços estirados para evitar qualquer contacto com as suas roupas encharcadas.

Chegando á cosinha, o pequeno conseguiu libertar-se das garras do formalisado creado, que teve sua attenção voltada para uma outra figura desrespeitosa. Era o cão, companheiro de Danny, que vinha atraz do amigo, a gottejar agua e lama sobre a passadeira de velludo da escada.

Procurando fugir daquella entaladella, Danny foi dar em cheio sobre o rico *peignóir* de seda da dona da casa.

— *Mon Dieu!* — exclamou, horrorisada, a creada franceza, contemplando a irremediavel catastrophe.

Foi um reboliço dos diabos: o creado via-se posto no olho da rua, a creada soltava imprecações e aguardava a explosão da patrôa.

Porém, nada disso aconteceu.

Commovida com a expressão apavorada do garotinho, a dama do palacete sentiu-se enternecida e o chamou, acariciando-o e consolando-o.

Dez minutos depois Danny partia com uma *pelega* de dez dollars na mão, communicando, cheio de alegria, a noticia ao seu camarada Swipes, que o esperava no passeio da rua.

Chegando á casa, o pequeno, pulando de contente, entregou o dinheiro á sua mãe e contava-lhe o que tinha visto, quando Edward despertou do seu somno embrutecido.

Vendo o dinheiro na mão da esposa, elle o exigiu. Mary objectou que o dinheiro era do rapaz, recebendo uma bofetada.

A brutalidade revoltou o pequeno, e Edward recebeu um choque no estomago de um objecto que Danny lhe arremessara com toda a violencia.

Louco de raiva, o menino avançou, e, com as mãozinhas, póz-se a soccar a cara do brutamontes, exclamando:

— Você não ha de bater em minha mãe á minha vista, *seu* desgraçado!

O pobre Danny não tardou a experimentar a extensão da sua loucura. O bebedo deitou as garras no seu fragil corpinho e malhava-o, cégo de raiva. A mulher, horrorisada deante da ferocidade do marido, poz-se a gritar. A policia acudiu e Danny foi retirado das mãos do seu algoz com os membros moidos e a face a gottejar sangue.

Mary Lee só teve forças para tomal-o nos seus braços, apertal-o de encontro ao peito, num frenesi, e cahir numa cadeira, vendo tudo a rodar em torno de si. Mas, agora, ella ouvia uma voz chamal-a de mansinho:

— Mamãe, escuta; olha, não estou machucado, não! Foi uma coisa á tôa.

O jury reuniu-se para o julgamento de Edward Lee. Danny foi chamado a depôr e, com muita desenvoltura, declarou que Edward era um homem máo para mamãe, para Swipes e para elle tambem.

Na sala contigua, Mary, acabrunhada, dizia a um casal de velhos:

— Eu nunca escrevi falando da minha vida porque promettera viver com elle "para o bom e para o máo". Não me parecia bem desertar nos máos momentos, mas, por amor do pequeno...

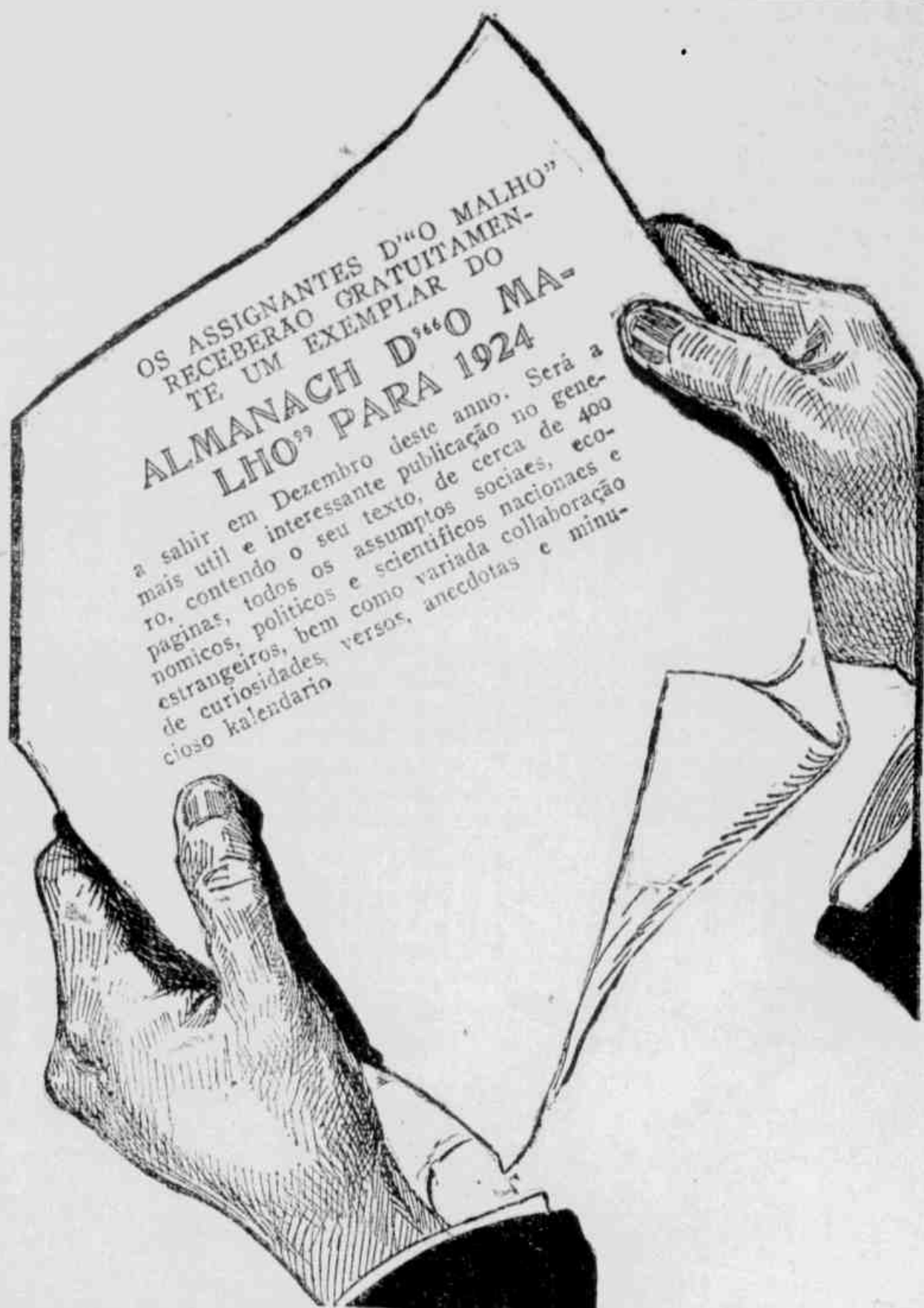
E o pranto tolheu-lhe a voz.

O jury condemnou Lee a cinco annos de prisão, com promessa de multiplicar esse prazo pelo resto dos seus dias se, quando sahisse, elle procurasse incommodar a mulher.

E, agora, Danny voltava do tribunal, acompanhado pelos dois velhos, e a velha de faces rosadas e rosto jovial lhe perguntava o que diria elle de uma vida no campo, onde havia açudes para nadar e pescar, bosques cheios de passarinhos e borboletas, e muita fructa e muito leite...

Danny pensou, reflectiu e perguntou se nesse campo havia logar para mamãe e para Swipes.

Os velhos sorriram e affirmaram que havia logar para todos. Então, Danny replicou aos paes de sua mãezinha:

— Nesse caso eu não preciso ficar homem para ser bombeiro! Eu acho mesmo que não tinha muita vontade de ser bombeiro...

OS MYSTERIOS DE PARIS

(Les Mystères de Paris)

CONTINUAÇÃO

CAPITULO VIII

Auxiliados pelo Barbilhon e por Tortillard, o Mestre-Escola e a Coruja, não tiveram muita difficuldade em apoderarem-se de Flor de Maria; a pobre menina não tinha forças para defender-se e o medo não lhe permittia gritar.

A ignobil Coruja, para vingar-se da infeliz, queria desfigural-a com vitriolo; felizmente o Mestre-Escola oppuzera-se terminantemente a essa inutil atrocidade. e dera-lhe liberdade, com a condição de ir passear nos Campos-Elyseos. Neste local, interdicto aos mendigos, Flor de Maria fôra surprehendida a mendigar e mandada para a prisão de Saint-Lazare, onde se encontrava Luiza Morel acabrunhada ao peso de uma accusação formidavel.

A candura de Flor de Maria grangeou-lhe, em pouco tempo, o respeito e a admiração das presas. Uma dessa, alcunhada a Loba, de genio violento, mas devotado aquelles que amava, ligada por uma paixão feroz a Martial, contrabandista da Ilha dos Desvastadores, proximo a Asnieres, fôra seduzida pela nobreza de alma de Flor de Maria. E tudo faria para testemunhar sua affeição á moça.

CAPITULO IX

Soffrendo de epilepsia, o marquez de Harville era um homem anormal, sujeito a crises frequentes de exaltação e depressão morbidas; acreditando ver na subita ternura de sua mulher uma piedade insultante, uma tarde, depois de almoçar em companhia de alguns amigos, suicidou-se com um tiro, tendo porém o cuidado de cercar o seu acto de todas as apparencias de um accidente.

Um dia apresentou-se na sua prisão uma mulher que pediu que lhe fosse confiada Flor de Maria, responsabilisando-se pela sua regeneração: era Mme. Seraphin, que a mandado de Jacques Ferrand, vinha buscar a joven prisioneira, mas não para leval-a a granja de Bouqueval e sim, segundo as ordens do tabellião, para a casa dos Martial, o cabaret dos contrabandistas da Ilha dos Desvastadores. Familia singular, essa dos Martial: o pae morrera guilhotinado; a mãe, só tinha uma preoccupação: encaminhar todos os seus filhos para a senda do crime. Sómente o mais velho, o amante da Loba, resistia. Por isso era objecto de um odio feroz que lhe votavam os seus, os quaes, para supprimir esse obstaculo

aos seus crimes, preparavam-lhe uma cilada.

CAPITULO X

O plano de Jacques Ferrand foi posto em execução. Preso em uma cabana, condemnado a morrer de fome, Martial não podia intervir. Os outros irmãos, bandidos precoces, sabiam os seus papeis. Quando o bote que transportava para a Ilha a joven protegida de Rodolpho chegou ao meio do rio, Flor de Maria foi lançada á agua. E a desgraçada ia afogar-se, quando se sentiu segura por mãos vigorosas: era a Loba, nadadora emerita, que, sahida nesse mesmo dia de Saint-Lazare, atravessava o Sena a nado para procurar Martial. Depois de salvar Flor de Maria, foi a vez de salvar o amante; a moça foi levada para um pavilhão onde residiam outras victimas de Jacques Ferrand, arruinadas por elle.

O destino encarregou-se de castigar a condessa Sarah pelas mãos da Coruja, poupando a Rodolpho o trabalho de punir essa mulher que fôra sua. A Coruja tentou assassinal-a; e Sarah, sentindo approximar-se a morte, mandou chamar Rodolpho, a quem confiou que Flor de Maria era a filha de ambos. E, emquanto o Principe, lembrando-se de que a rapariga desapparecera, sacudia a cabeça com desanimo, Sarah contou-lhe tudo:

"Quando nossa filha tinha quatro annos, meu irmão encarregou Mme. Seraphin, viuva de um antigo creado nosso, de educar a menina até que chegasse á edade de entrar para um collegio. A quantia destinada a assegurar o futuro de nossa filha foi depositada em mãos de um tabellião citado pela sua honestidade. No fim de um anno escreveram-me que a saude de minha filha era precaria... E oito mezes depois, que ella tinha morrido. Esse tabellião, chamado Jacques Ferrand, entregára nossa filha á Coruja por intermedio de um miseravel condemnado ás galés em Rochefort".

Extenuada a Condessa não poude acabar. Rodolpho não duvidava mais. Flor de Maria era sua filha, mas elle só sabia tudo muito tarde. A pobre rapariga devia estar morta, os criminosos que haviam jurado a sua morte não lhe perdoariam a vida. Ah! que horas terriveis passou Rodolpho!

Mas a Parca sinistra não resolvera ainda cortar o fio que prendia á vida a pobre Flor de Maria. Rodolpho desejaria qua a Coruja, a ignobil megera, fosse entregue ao algoz, mas o Mestre-Escola encorregou-se da operação, estrangulando, no fundo de uma adega, a sua horrivel companheira de crimes.

(*Continúa*)

UM CONTO PARA TODOS

O ANEURISMA

ESTAVAMOS no 5° anno de medicina. Em fria e desbotada manhã de inverno baixava um homem para a nona secção do Hospital. Chamava-se João Baptista e era moço ainda.

Aborrecia-se muito — contava — com um carocinho que, pouco abaixo do pescoço, lhe apparecera ha tempos.

Como não se desfizesse o tumor, resolvera vir para a cidade afim de furar o *diacho* da coisa, pois, além do mais, incommodava-o a voz enrouquecida e uma tosse secca, impertinente.

Sempre, após a visita diaria do medico chefe, alguns de nós approximavamo-nos do doente. Condoidos e penalisados ouviamos suas palavras pronunciadas em tom cavernoso e fundo, a narrar as saudades de seus pagos e de sua gente, em uma grande esperança que lhe punha brilhos no olhar amortecido.

Sua noiva, anciosa, esperava-o... Sua mãe... seus irmãos... E o serviço da roça havia dois mezes parado!

— Já me aborrece isso... E' uma embromação medonha... Lá fóra me diziam que viesse... Era um instantinho só: o doutor furava, espremia e prompto, — lá voltava eu, curado e são.

Cá estou pr'a mais de dois mezes e sempre na mesma... até peor! O doutor só olha, apalpa, *cochicha c'ocêis* e... nada!

E eu a tomar essas aguinhas que nada adiantam e nem o raio do cansaço diminuem.

Parece até que elle tem medo de cortar!

Por que *ocêis* não furam? não sabem?

Ah! um dia eu pego da faca e mostro a todos como isso se faz.

Nós nos olhavamos em silencio.

João Baptista gemia compassadamente. Um grande desanimo empolgava-o e já nem siquer attendia ás palavras de conforto que lhe dirigiamos.

Dormia quasi que o dia inteiro.

Em dois mezes de hospital a saliencia se tinha avolumado extraordinariamente e de longe já era visivel o pulsar rhythmado do tumor isochrono aos batimentos cardiacos.

Certa manhã o doente chamou-me, e, com a mão em meu braço, murmurou num cicio:

— "Nem sei o que pensará a Luiza desse casamento tão adiado, não acredita no que mando dizer. Leia esta carta... Isso não póde continuar. Veja se me chama o doutor, eu preciso muito falar com elle, é assumpto serio. Não esqueça... sim? Não esqueça, é um grande favor que o senhor me faz..."

E a canceira dominava-o... a voz tornava-se-lhe estridulosa.

A primavera annunciava-se numa palpitação de flores e perfumes. Pairava no mundo o sussurro vago de um preludio. E o céo alto e translucido limpava o azul de sua concha infinita.

João Baptista peorava. Já lhe surgiam edemas pelos braços e rosto. Engulia com difficuldade, e, com o olhar humido em direcção á janella, cahia constantemente em uma especie de modorra, meditativo e triste.

Nao mais falava e ás palavras que lhe eram dirigidas respondia com lagrimas e gestos imperceptiveis.

.. ..

Foi na segunda manhã de Outubro que encontrei o sêu leito vasio!... sem colchão!...

Naquelle dia não assisti aula nenhuma. A' tarde fui ao necroterio presenciar a autopsia que nos ia mostrar o mechanismo da ruptura fatal.

O lente falava, mas meu pensamento andava longe, pelos *pagos* de João Baptista, pelas coxilhas verdes de sua terra, que elle não tornaria a ver... nunca mais!

O professor mostrava-nos agora o coração volumoso e sangrento e a elle preso por um pedaço de arteria o sacco aneurismal adelgaçado e roto.

Desfigurado, o rosto de João Baptista tinha, entretanto, uma expressão de doçura e de allivio: estava por fim livre do tumor maldito.

Em seus labios espumejantes boiava um leve sorriso de sonho delicioso.

HERNAÑI DE IRAJA'.

☆ ☆ ☆

"LEITURA PARA TODOS"

Foi posto á venda o ultimo numero deste esplendido magazine. E', sem duvida, um dos melhores até agora apparecidos, apresentando um variadissimo texto de sadia e magnifica leitura, escrupulosamente escolhida, de tal fórma que esta publicação póde ser manuseada por todos, grandes e pequenos, sem o menor perigo, ao contrario, com grande proveito, pois a *Leitura para todos* não só deleita, como tambem instrue. Este numero traz muitos contos illustrados, dos melhores autores, artigos de vulgarisação scientifica, curiosidades, paginas dedicadas a assumptos artisticos, sportivos, cinema, theatro, etc., etc.

Off. graphica d'O MALHO